



Há 30 anos, Arsenal da Esperança ajuda a reconstruir trajetórias de vida em São Paulo

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Cardeal Odilo Pedro Scherer, padres concelebrantes, servidores do altar e assembleia de fiéis na missa em ação de graças pelos 30 anos do Arsenal da Esperança em São Paulo, no sábado, 21

Portões que nunca se fecham, turnos que se sucedem dia e noite e uma rotina marcada pelo acolhimento. Assim é a dinâmica do Arsenal da Esperança, na zona Leste de São Paulo, onde diariamente cerca de 1,2 mil homens em situação de rua encontram abrigo, alimentação e oportunidades de recomeço.

No sábado, 21, foram comemorados os 30 anos da instalação do Arsenal da

Esperança na capital paulista. Sua origem remete ao ano de 1964, na Itália, quando o casal Ernesto Olivero e Maria Cerrato fundou o Sermig - Fraternidade da Esperança, que chegaria à Arquidiocese de São Paulo em 1996, e que ao longo dos anos ampliou sua atuação, com uma proposta que articula assistência imediata com acompanhamento social e iniciativas de formação.

Na missa em ação de graças pelos 30 anos, o Cardeal Odilo Pedro Scherer destacou que o Arsenal promove um trabalho que nasce da caridade cristã e se traduz em gestos concretos de acolhida, capazes de devolver dignidade e perspectiva a quem chega. “Que este trabalho continue a ser sinal de vida e que muitos continuem a se envolver nele”, exortou o Arcebispo.

Página 10

Encontro com o Pastor

Coletas da CF e em favor dos lugares santos: gestos de fraternidade cristã

Página 2

Editorial

Amar o pobre de modo concreto, tangível, corporal, é amar a Jesus Cristo

Página 4

Na Ilha do Marajó, a falta de moradias dignas impacta a vida das famílias

Páginas 16 e 17

O Cristo do cinema: reflexo das incertezas e da fé de nossos tempos

Esta edição do *Caderno Fé e Cultura* apresenta reflexões sobre as representações cinematográficas de Cristo, as quais, ainda que indiretamente, revelam o que os diretores pensam acerca de Jesus, bem como suas próprias angústias, esperanças e pressupostos sobre o ser humano e o divino. Com a proximidade da Páscoa, é comum que tais produções, bem como as pinturas artísticas sobre Cristo, sejam mais vistas pelas pessoas, as quais devem sempre se lembrar, porém, de que para conhecer verdadeiramente o Salvador é indispensável a leitura do Evangelho.





**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Dois gestos de fraternidade

palavras de boas intenções.

A coleta da Campanha da Fraternidade é tradicional na Igreja do Brasil. Mas é bom saber que, em outros países, existe algo semelhante, mesmo que não tenha esse nome. E a Igreja, naqueles países, também faz o apelo à partilha concreta e à solidariedade cristã na Quaresma. A Campanha da Fraternidade tem um tema diverso a cada ano, mas o objetivo é constante: despertar o senso concreto de fraternidade e caridade na comunidade cristã e, também, mais amplamente, em toda a comunidade civil. A Campanha da Fraternidade, de fato, é uma campanha de evangelização, que visa a alcançar aquilo que está no centro do Evangelho: o amor ao próximo, que é inseparável do amor a Deus. Neste ano, a falta de moradia digna para milhões de pessoas no Brasil questiona nosso senso de fraternidade e de justiça.

Por isso, a oferta ou “gesto concreto de fraternidade”, feito em todas as celebrações católicas do final de semana do Domingo de Ramos, é mais do que uma esmola ocasional: ele deveria ser a expressão da nossa penitência e conversão quaresmal e da nossa generosa partilha com o próximo. Por exemplo, ele poderia representar os cigarros que deixei de fumar como penitência quaresmal; ou a cerveja não tomada; ou algo supérfluo que deixei de comprar; ou aquilo que colocamos de lado ao longo da Quaresma para ser partilhado com o próximo

como expressão de nossa penitência e conversão quaresmal. Em família, antes de ir à igreja no Domingo de Ramos, seria bonito combinar juntos sobre a partilha a ser feita como gesto concreto de fraternidade da família no final da Quaresma.

Aquilo que se recolhe em todas as celebrações das igrejas no Domingo de Ramos é repassado integralmente pelas paróquias, logo a seguir, à Cúria da Arquidiocese, para ser destinado aos seus fins: 60% para projetos de caridade social na própria Arquidiocese; e 40%, para o Fundo Nacional de Solidariedade, administrado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em favor de pequenos projetos de caridade social em várias partes do Brasil.

Na Sexta-feira Santa, no contexto da comemoração da Paixão e Morte redentora de Jesus, a Igreja nos pede um segundo gesto de fraternidade, antes da Páscoa: desta vez, é em favor dos “lugares santos”, entendendo-se os lugares bíblicos das origens da nossa fé e da Igreja de Cristo. De maneira especial, são considerados “lugares santos” os que estão relacionados com a vida de Jesus, de Maria e José, dos Apóstolos e das primeiras comunidades cristãs. Mais amplamente, também se consideram como “lugares santos” os lugares de peregrinação que se relacionam com a fé dos Patriarcas e dos Profetas do Antigo Testamento.

Por quais motivos a Igreja nos pede

esse gesto concreto de fraternidade em favor dos “lugares santos”? A razão é bastante fácil de se compreender. Os lugares das origens da nossa fé e da Igreja situam-se no Oriente Médio, onde os cristãos são uma minoria e, por vezes, uma minoria mínima. Por vezes, vivem sua fé de maneira heroica, com muitas restrições. Se eles não forem ajudados a ficarem nesses lugares preciosos para a memória da nossa fé e da Igreja, não poderão continuar a prestar o seu testemunho de fé cristã e vão desaparecer dali. E seria uma grande pena! Com nosso gesto solidário, os irmãos cristãos e católicos que vivem na Terra Santa conseguem manter vivo o testemunho do Evangelho naqueles lugares onde tudo começou e de onde partiram os primeiros missionários para o mundo inteiro.

Com a coleta da Sexta-feira Santa é constituído um fundo na Santa Sé para ajudar a Igreja na Terra Santa, de maneira muito concreta: paróquias, igrejas de peregrinação, escolas, obras sociais, mosteiros e conventos, os bispados, os seminários, o clero e as múltiplas iniciativas de presença pública da Igreja naqueles lugares de grande diversidade religiosa. Os cristãos da Terra Santa precisam do nosso apoio. Por isso, pensemos neles na Sexta-feira Santa, durante a comemoração da Paixão de Jesus, e expressemos nossa fraternidade na fé por meio do gesto generoso da coleta em favor dos “lugares santos”.



SANTA CAROLINA

CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo,
Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições,
cria novas experiências e desperta sensações únicas.
É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA

RESERVA



Beba com moderação.

Na solenidade do Padroeiro da Igreja, Cardeal Scherer destaca o exemplo de vida e a fé de São José



Luciney Martins/O SÃO PAULO

**FERNANDO ARTHUR
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO**

Na quinta-feira, 19, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, presidiu a missa solene da festa do padroeiro da Paróquia São José do Belém, na Região Belém. Concelebraram os Padres Marcelo Maróstica Quadro, Pároco; Thiago Faccini Paro, Administrador Paroquial da Paróquia Imaculado Coração de Maria; e Gianpietro Carraro, fundador da Missão Belém.

“Olhamos para São José como aquele que foi chamado por Deus para cuidar do primeiro núcleo da Igreja: a Sagrada Família. Ele foi colocado como cuidador da família de

Jesus, e a família de Jesus somos nós”, afirmou o Cardeal no começo da missa, ressaltando que o Santo não é apenas uma figura histórica, mas um intercessor e inspirador constante para a vida cristã.

Na homilia, o Arcebispo meditou sobre a atitude de José diante do inesperado. Assim como Maria, ele foi surpreendido pelos planos de Deus e, mesmo sem compreender totalmente a magnitude de sua missão, não recuou. “Ele não disse ‘comigo não’. Ele assumiu, fez conforme o anjo do Senhor lhe tinha pedido”, frisou.

Dom Odilo destacou a virtude da justiça, lembrando que o maior elogio feito a José no Evangelho é o

de que ele era um “homem justo”.

O Arcebispo apontou o silêncio de José nos Evangelhos como um ensinamento poderoso para os dias atuais: “São José não fez discurso, mas seu exemplo de vida foi muito forte. Na família, muitas vezes o exemplo conta mais do que a palavra. A palavra sem o exemplo é vazia; com o exemplo, ela convence”.

Atendendo a um pedido da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Odilo conduziu, no encerramento da celebração, uma oração especial pela paz e pelo desarmamento. Sob o patrocínio de São José, o Arcebispo confiou a Deus o clamor do povo brasileiro por tempos de mais harmonia e menos violência.

Dom Odilo preside celebrações com ritos para membros do Caminho Neocatecumenal

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Nos dias 20 e 21, o Cardeal Odilo Pedro Scherer esteve na Paróquia Santa Margarida Maria, Região Sé, para presidir duas celebrações próprias das etapas do Caminho Neocatecumenal. Reconhecido pela Santa Sé como um itinerário de iniciação cristã pós-batismal, o Caminho retoma, em etapas, a pedagogia da iniciação cristã da Igreja primitiva, ajudando os fiéis a redescobrirem as graças do Batismo e a vida em comunidade.

No dia 20, houve a celebração conclusiva da etapa da *Redditio Symboli* da terceira comunidade neocatecumenal. Ao longo da Quaresma, os 25 irmãos dessa comunidade realizaram a profissão pública de fé, culminando nesta ce-



Rafael Victor

lebração presidida pelo Arcebispo, com a participação do Padre Edson Fernandes, presbítero integrante da equipe de catequistas que acompanham a terceira comunidade.

Nesta etapa, após terem recebido e celebrado os artigos do Credo, os neo-

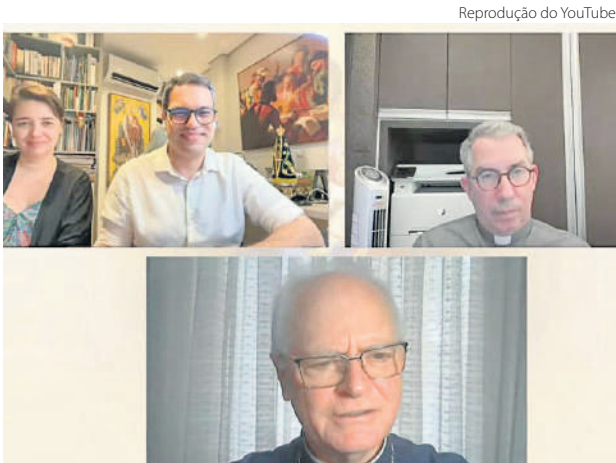
catecúmenos testemunham como a fé apostólica foi se tornando concreta em suas vidas. Iluminados, entre outros textos, pela parábola dos talentos, são enviados a anunciar o Evangelho nas casas da região paroquial e, ao final, “devolvem” à Igreja, por meio do testemunho, os fru-

tos da Palavra acolhida.

No dia 21, Dom Odilo presidiu a celebração de renovação da entrega solene do Pai-Nosso a 60 membros da segunda comunidade neocatecumenal. Concelebraram os Padres Túlio Felipe de Paiva, Nicolò Stauble, Edson Fernandes, Ignacio Torres, Carlos Alberto Pereyra Poma e Sebastião de Matos.

Após serem iniciados na Oração do Senhor e terem celebrado suas petições, os fiéis recebem, solenemente, das mãos da Igreja, a oração que Cristo ensinou aos discípulos. Esta etapa convida os neocatecúmenos a viverem o abandono filial na paternidade de Deus, aprofundando a sua identidade de filhos.

(Com informações de Deborah Regina Figueiredo/
Caminho Neocatecumenal)



Reprodução do YouTube

CURSO DE EXTENSÃO ‘A MÚSICA DA SEMANA SANTA’
Com mais de 500 alunos inscritos de diversas regiões do Brasil, a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP, em parceria com a *São Paulo Schola Cantorum*, promove nesta semana o curso de extensão cultural “A música da Semana Santa.” A aula magna de abertura contou com a apresentação do Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, que destacou a importância da participação, particularmente na Semana Santa, da assembleia no canto litúrgico. Na sequência, o Padre Luiz Eduardo Baronto, liturgista, professor universitário e Cura da Catedral da Sé, desenvolveu uma leitura aprofundada do Tríduo Pascal, articulando elementos de teologia litúrgica com a prática musical própria dessas celebrações. Saiba mais detalhes do curso de extensão cultural no [site hinariocatolico.com.br](http://site.hinariocatolico.com.br).
(Com informações do maestro Delphim Rezende Porto)



RCC Arquidiocesana

ASSEMBLEIA DA RCC ARQUIDIOCESANA
No domingo, 22, foi realizada a assembleia geral da Renovação Carismática Católica na Arquidiocese de São Paulo, no Centro Pastoral São José, no Belém. Na ocasião, houve a entrega do novo estatuto da RCC Arquidiocesana. Participaram mais de 80 coordenadores de grupos de oração da RCC, junto com os agentes regionais e coordenadores arquidiocesanos de ministérios, vivendo um tempo de comunhão, escuta e direção para a missão. Dom Odilo participou da abertura da assembleia e reforçou o convite para que “a Renovação, mantendo o seu carisma, participe intensamente da vida pastoral da Arquidiocese de São Paulo”. O encerramento foi com a missa, presidida pelo Padre Francisco Rangel, Assessor Eclesiástico Arquidiocesano da RCC.
(Com informações da RCC Arquidiocesana)



Luciney Martins/O SÃO PAULO

SESSÃO SOBRE A CF 2026 NA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
A Câmara Municipal de São Paulo realizou, na terça-feira, 24, sessão especial sobre a Campanha da Fraternidade de 2026. Proposta pelo vereador Nabil Bonduki, a sessão reuniu representantes da Arquidiocese de São Paulo, entre eles o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, e Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé. O evento contou ainda com a presença do presidente da Casa, o vereador Ricardo Teixeira, e promoveu reflexão e apresentação de contribuições aos parlamentares sobre a temática da moradia.
(por Fernando Geronazzo)

Editorial

Caridade: ajudar os pobres

“*Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como um bronze que soa ou como um címbalo que retine*” (1Cor 13,1). Esse trecho de São Paulo, juntamente com seus versículos subsequentes, compõe o que é tradicionalmente conhecido pela Igreja como “Hino à Caridade” ou “Hino ao Amor”. Durante todo o capítulo 13, o Apóstolo expõe justamente a primazia desta virtude em relação a todas as outras e ensina que ela “nem mesmo no céu, há de acabar”. Entretanto, se é indiscutível o seu inestimável valor, por vezes é falha a compreensão de como praticá-la cotidianamente. Sendo assim, aproveitando o atual tempo quaresmal da Igreja, vale ressaltar uma das formas mais comuns e eficientes de fazê-lo: a ajuda para com os mais pobres.

Em um primeiro momento, nem sempre é tão claro que a caridade, como virtude teologal, pode ser concretizada em ações humanas: por se tratar de algo que se refere diretamente a Deus, pode questionar-se se a única atitude a tomar é orar e pedir que o Se-

nhor a infunda em cada alma. Porém, se é verdade que as virtudes teologais só aumentam pela ação de Deus, da mesma forma é fato que o aumento é concedido em proporção com a bondade moral de nossas ações. Leo Trese explica que “tudo o que aumenta a graça santificante aumenta também as virtudes infusas. Crescemos em virtude tanto quanto crescemos em graça”. Dessa forma, a prática de boas ações torna-se veículo para que cada vez mais o amor de Deus cresça em nosso interior.

Dito isso, se há uma boa ação que constantemente sobressai nas Sagradas Escrituras, essa é a generosidade para com os pobres. No livro do Deuterônimo, no contexto do ano sabático em que geralmente já havia uma escassez maior de bens para serem compartilhados, o Senhor insiste: “Abre a mão para o irmão, para o necessitado e para o pobre de tua terra” (Dt 15,11). No Eclesiástico, Deus também deixa claro: “Filho, não prives o pobre do necessário à vida, nem deixes desfalecer os olhos do indigente” (Eclo 4,1). De igual

modo, no livro dos Salmos há o pedido para ajudá-los: “Defendei o oprimido e o órfão, fazei justiça ao humilde e ao pobre. Libertai o oprimido e o indigente, arrancai-o das mãos dos ímpios” (Sl 82,3-4).

Fazer caridade aos necessitados é, portanto, fazer a vontade de Deus. Em uma medida muito tangível, é justamente a realização do mandamento “amarás o próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18). Contudo, com o mistério da Encarnação de Nosso Senhor, isso tomou proporções ainda maiores, porque o Verbo se fez carne, a matéria já não é mera “coisa”: ela foi assumida, elevada e santificada por Deus. Essa lógica transforma a caridade de forma substancial: o irmão pobre não é apenas “alguém”, ele é o próprio Cristo que se fez pobre e se identifica com o faminto, o nu, o prisioneiro. Assim, amar o pobre de modo concreto, tangível, corporal, é amar o Verbo Encarnado.

Essa ideia já estava presente no Antigo Testamento. No livro de Provérbios, por exemplo, é dito que

“quem se compadece do pobre empresta ao Senhor, que lhe recompensará o benefício” (Pr 19,17). Com Jesus, no entanto, a gravidade do apego ao dinheiro que impede a caridade é potencializada: na parábola de Lázaro, o rico é condenado por não compartilhar seu alimento, deixando ao pobre apenas as migalhas que caíam de sua mesa. No Sermão da Montanha, também Nosso Senhor nos diz para ajuntar riquezas no céu e não na terra, pois “não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6,24). São Paulo, por sua vez, em diversas ocasiões, equipara a idolatria com a avareza.

Neste final de Quaresma, portanto, não fechemos nossos corações às necessidades do próximo. Todas as riquezas e capacidades que possuímos são como os talentos que Deus pede que nós multipliquemos. Essa multiplicação, entretanto, não se trata de algo material; pelo contrário, se dá todas as vezes em que estendemos a nossa mão, oferecendo, com liberalidade, aquilo que a Providência nos confiou.

Opinião

O grito

LUIZ ANTONIO ARAUJO PIERRE

São tantos os gritos da nossa sociedade, daqueles que clamam por pão e por paz; por amor e solidariedade; por justiça e equilíbrio social. São gritos dos pobres, dos marginalizados, dos esquecidos, mas também dos ricos e abastados. O grito é de toda a humanidade.

São os gritos dos solitários, dos amargurados e desesperançados, que querem ser ouvidos, ou que gritam sem nem mesmo se aperceber. Gritos dos injustiçados, dos sem-teto, dos sem-alimento, dos que têm medo de viver em um mundo no qual uma dezena dos ricos acumulam o equivalente ao que está dividido entre metade da população mundial.

Sim, tem o “grito”, de quem nem percebe que está gritando, pois, tudo tem e, ao mesmo tempo, de tudo sente falta: sem rumo certo, sem um ideal de vida que oriente e possa conduzir uma vida plena.

O Papa Leão XIV, recentemente, em sua catequese centrada na experiência de Jesus Crucificado, lembrou que “na cruz, Jesus não morre em silêncio”, mas “deixa a sua vida com um grito” e que “este grito abrange tudo: dor, abandono, fé e oferenda. Não é



apenas a voz de um corpo que cede, mas o sinal máximo de uma vida que se entrega.”

E continua o Papa: “Se o nosso grito for verdadeiro, pode ser o limiar de uma nova luz, de um novo nascimento. Como foi para Jesus: quando tudo parecia terminado, a salvação estava, na verdade, prestes a começar. Se expressada com a confiança e a liberdade dos filhos de Deus, a voz angustiada da nossa humanidade, unida à voz de Cristo, pode tornar-se fonte

de esperança para nós e para os que nos rodeiam.”

O grito “Meus Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” ecoa como a entrega total Dele no ápice da Sua missão. A missão de Jesus é a nossa missão e, portanto, nenhum grito deve ficar sem resposta, como não ficou o grito de Jesus na cruz. Ele gritou o abandono, e no ato entregou Sua vida ao Pai: “Aba, nas tuas mãos entrego meu espírito.”

É com esta confiança sem medidas

que podemos agir para responder, no dia a dia, com as nossas vidas, a cada grito da humanidade: sendo missionários da esperança, da acolhida, do saber escutar, de ter um olhar atento. Ser missionário é estar ao lado de cada pessoa que nos passa ao lado nesta grande cidade de São Paulo. Acolher, acolher sempre, com o coração aberto, é o primeiro passo da missão. Ouvir é uma grande missão.

Jesus é o crucificado, é o abandonado. Esse abandono que cada um de nós pode sofrer. E Deus, escolheu a dor, o abandono, como elo que liga a toda a humanidade. E nos deu, de imediato, a resposta: confiança no seu Amor.

A descoberta de Deus Amor e que Ele nos ama imensamente, a cada um, individualmente, com a mesma intensidade do Amor do Criador, é a grande descoberta que podemos fazer em nossas vidas, e responder, com o amor ao próximo, com a maior intensidade que possamos conseguir.

Com solidariedade, escuta, atenção, podemos acolher os gritos da cidade de São Paulo, e sermos testemunhas de que Deus habita esta cidade.

*Luiz Antonio Araujo Pierre é membro do Movimento dos Foclares. Advogado e professor.

Comportamento

Rua 25 de Março: fé, Constituição e liberdade

ALECSANDRO A. DE SOUZA

Todos os dias, uma multidão atravessa a Rua 25 de Março, no centro de São Paulo. Em certas épocas do ano, o movimento adquire a densidade de uma maré: sacolas mudam de mãos, vitrines transbordam mercadorias, vozes se elevam acima do ruído da cidade. Ali se compra quase tudo – do necessário ao supérfluo, do útil ao efêmero. Poucos lugares condensam com tanta nitidez a vocação comercial de uma grande metrópole.

Poucos, porém, se detêm diante do nome da rua. As cidades não são feitas apenas de pedra, trânsito e fachadas. São depósitos de tempo. Cada geração nelas inscreve, quase sempre sem perceber, os sinais do que venerou, instituiu e julgou duradouro. Às vezes, um simples nome de rua conserva mais memória do que os homens e mulheres que por ali passam.

Muito antes de designar um dos maiores centros de comércio popular da América Latina, o 25 de março já era, para a tradição cristã, uma data singular. Nesse dia, a Igreja celebra a

Solenidade da Anunciação do Senhor. O Evangelho segundo Lucas narra a cena com sobriedade quase desconcertante: *o anjo Gabriel anuncia a Maria que ela conceberá Jesus.*

Para o Cristianismo, tudo começa ali. Deus entra na história não entre trombetas imperiais, mas no recolhimento de uma casa comum, no diálogo entre um mensageiro e uma jovem de Nazaré. O anúncio não avança pela força; espera uma resposta. A fé cristã começa com um consentimento: *o “faça-se” de Maria.*

Mas a mesma data possui, entre nós, outra ressonância – aquela que deu à rua o seu nome, adotado em 1865 em homenagem ao dia em que Dom Pedro I, em 25 de março de 1824, outorgou a Constituição do Império do Brasil, a primeira do País independente e a mais duradoura de nossa história política. A outorga não ocorreu em um salão administrativo, mas na antiga Sé do Rio de Janeiro – a Catedral do Império – onde o texto constitucional foi jurado sob a liturgia e o canto do *Te Deum*, em um cenário que dizia muito sobre a ordem que ali se instituía.

O texto declarava sem ambiguidade que a religião do Império continuaria a ser a Católica Apostólica Romana, admitindo os demais cultos apenas em esfera doméstica ou particular, sem forma exterior de templo. O Brasil nascia, assim, ao mesmo tempo como Monarquia constitucional e Estado católico.

Não se trata de coincidência irrelevante. De um lado, a liturgia recorda o instante em que Deus entra no mundo pelo *consentimento* de uma mulher. De outro, a história política registra o nascimento jurídico de um Estado que buscava dar forma institucional à ordem e à liberdade, segundo os limites do seu século.

A Rua 25 de Março acrescenta uma terceira dimensão a essa sobreposição. Ali comparece, em sua forma mais material, outra constante da aventura humana: *o comércio.* A troca, a circulação de bens, a procura de ocasião. Mercados existiam antes dos parlamentos e talvez sobrevivam a muitas das ideologias que os consideram efêmeros.

Surge, então, o detalhe mais eloquente. Justamente em um dos maiores centros de comércio popular do País,

o nome da rua remete a uma data que aponta para algo situado fora da lógica da troca.

A Constituição de 1824 assinala o nascimento jurídico de uma ordem política. A Anunciação recorda algo mais radical: *o momento em que Deus não oferece ao mundo uma doutrina ou promessa de prosperidade, mas a si mesmo.* O prólogo de João condensou esse escândalo em uma frase cuja força o tempo não domesticou: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós.”

Mesmo para quem contempla essa tradição de fora, há nessa memória algo que resiste ao desgaste das crenças e ao cinismo das épocas. A Anunciação não pertence apenas à linguagem da fé; fala da dignidade do consentimento, essa forma superior e exigente de liberdade sem a qual nem a política, nem o amor, nem mesmo a fé escapam da violência. Em uma rua na qual quase tudo se oferece à compra, o nome ainda recorda, com uma discricção quase aristocrática, que o essencial nunca esteve à venda.

Alecsandro A. de Souza
é administrador de empresas

Espiritualidade

Entre o ‘hosana’ e a cruz: o paradoxo redentor do Domingo de Ramos da Paixão do Senhor



DOM CÍCERO
ALVES DE
FRANÇA
BISPO AUXILIAR
DA ARQUIDIOCESE
NA REGIÃO BELÉM

O Domingo de Ramos da Paixão do Senhor inaugura, no coração da liturgia da Igreja, a Semana Santa, ápice do ano litúrgico. Trata-se de uma celebração profundamente paradoxal, que une dois movimentos aparentemente opostos: a aclamação jubilosa do Cristo como Rei e a contemplação dramática de sua Paixão. Essa tensão não é acidental, mas revela o próprio mistério de Cristo, cuja realeza se manifesta na obediência amorosa até a cruz.

Desde os primeiros séculos, a Igreja conservou a memória da entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, narrada pelos Evangelhos (cf. Mt 21,1-11; Mc 11,1-10; Lc 19,28-40; Jo 12,12-19). A multidão estende mantos, agita ramos e proclama: “Hosana ao Filho de Davi!”. No entanto, essa mesma multidão, poucos dias depois, gritará: “Crucifica-o!”. Aqui se

revela a ambiguidade do coração humano, capaz de entusiasmo religioso, mas também de rejeição diante de um Messias que não corresponde às expectativas mundanas. O gesto de Jesus, montado em um jumentinho, evoca diretamente a profecia de Zacarias (cf. Zc 9,9): o rei messiânico é humilde, não vem com poder militar, mas com mansidão. Como observa o Papa Bento XVI, trata-se de uma realeza “desarmada”, que rompe com a lógica da dominação e inaugura o Reino de Deus como serviço e entrega. Assim, o Domingo de Ramos já antecipa o escândalo da cruz: o Cristo é rei precisamente porque se doa.

A liturgia deste dia, ao unir a procissão dos ramos com a leitura solene da Paixão, oferece uma chave hermenêutica essencial: não há verdadeira compreensão da glória de Cristo sem passar pela cruz. Como ensina São Paulo Apóstolo, “Cristo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2,8). Esse hino cristológico, frequentemente proclamado nesta celebração, revela que a exaltação de Cristo é inseparável de sua *kenosis*, isto é, de seu esvaziamento. A narrativa da Paixão – proclamada integralmente – não é apenas memória histórica, mas atualização sacramental do mistério redentor. Nela, contemplamos o Servo Sofredor anunciado por Isaías

(cf. Is 50,4-7), aquele que não recua diante da violência, mas responde com fidelidade e abandono confiante em Deus. Aqui, a teologia da cruz encontra sua expressão mais densa: Deus não salva a partir de fora do sofrimento humano, mas assumindo-o plenamente. Nesse sentido, o pensamento de Hans Urs von Balthasar ajuda a compreender a profundidade deste mistério. Para ele, a cruz é o lugar no qual se revela o amor trinitário em sua forma mais radical: o Filho entrega-se totalmente ao Pai, e o Pai, no Espírito, acolhe essa entrega como fonte de salvação para o mundo. A Paixão não é, portanto, um fracasso, mas o cumprimento extremo da missão de Cristo.

Do ponto de vista pastoral, o Domingo de Ramos interpela diretamente a vida dos fiéis. A oscilação entre o “Hosana” e o “Crucifica-o” convida a um exame de consciência: qual é a consistência da nossa fé? Seguimos Cristo apenas nos momentos de entusiasmo ou também na fidelidade da cruz? A liturgia não permi-

te neutralidade; ela exige uma resposta existencial. Além disso, a procissão dos ramos possui um forte caráter simbólico: caminhar com Cristo é aceitar entrar com Ele em Jerusalém, isto é, no mistério de sua entrega. Os ramos, sinais de vitória e esperança, apontam para o desfecho pascal: a cruz não é a última palavra, mas o caminho para a Ressurreição.

Por fim, o Domingo de Ramos da Paixão do Senhor sintetiza, de modo admirável, o núcleo da fé cristã: o mistério pascal. Como recorda o Papa Francisco, “não há Cristianismo sem cruz, mas também não há cruz sem esperança”. Ao iniciar a Semana Santa, a Igreja convida os fiéis a entrar, com Cristo, no caminho da entrega, certos de que a vida vence a morte e o amor é mais forte do que o pecado. Assim, a celebração deste domingo não é apenas recordação, mas participação viva no mistério de Cristo: o Rei humilde que reina da cruz e, por meio dela, abre à humanidade as portas da vida nova.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital fica convocada o(a) Sr.(a) **DANIEL CLARES BEZERRA DE SOUZA**, com endereço desconhecido, para que compareça de terça a sexta-feira, das 13h às 16h, ao Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de São Paulo, sito na Av. Nazaré, 993 – Ipiranga – São Paulo – SP, para tratar de assuntos que lhe dizem respeito.

São Paulo, 25 de março de 2026.

Dom Rogério Augusto das Neves
Vigário Judicial

Padre Bruno Muta Vivas é nomeado Coordenador Arquidiocesano da Pastoral da Comunicação



Reprodução

Atos da Cúria

Reprodução

Arquidiocese de São Paulo reforça corresponsabilidade eclesial no cuidado com os sacerdotes idosos e enfermos

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

A Arquidiocese de São Paulo adequou o Fundo de Auxílio Fraterno Presbiteral (FAFPRES), por meio de decreto do Cardeal Odilo Pedro Scherer, datado de 19 de março. Instituído em 2024, no contexto das Normas Administrativas e Financeiras da Arquidiocese de São Paulo, o FAFPRES nasceu para assegurar maior segurança aos clérigos idosos ou impossibilitados de continuar exercendo o ministério pastoral.

“São sacerdotes que deram a vida pela Igreja e não podem ser abandonados na hora da necessidade”, afirmou Dom Odilo ao **O SÃO PAULO**, na ocasião da instituição do fundo, diante de uma realidade cada vez mais presente na Arquidiocese. Com o passar dos anos, muitos padres enfrentam limitações de idade ou de enfermidade, que os impedem de exercer plenamente o ministério. Nessa etapa de vida, sua presença continua fecunda, marcada pela oferta silenciosa de suas limitações. Em sintonia com a tradição da Igreja, que prevê assistência em situações de “doença, invalidez ou velhice”, o fundo se apresenta como expressão da fraternidade presbiteral.

AUXÍLIO FRATERNO

Essa atenção se traduz também em necessidades concretas como a permanência de padres acolhidos na Casa São Paulo, destinada especialmente aos idosos e enfermos, que implica custos contínuos. Em diversos casos, alguns presbíteros necessitam de cuidadores, terapias, exames e procedimentos médicos, incluindo atendimentos de urgência e cirurgias, que nem sempre contam com cobertura integral, seja nos serviços públicos de saúde, seja nos planos privados.

O fundo também possibilita auxílio complementar para despesas com medicamentos não cobertos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), bem como para tratamentos oftalmológicos e odontológicos que não contam

com cobertura integral dos seguros de saúde ou da rede pública.

Essas realidades evidenciam a importância de uma estrutura estável e solidária que permita à Igreja responder com dignidade às necessidades de seus ministros. Também revelam uma dinâmica de fraternidade: os sacerdotes que hoje contribuem para esse cuidado, no futuro, poderão dele necessitar.

RECURSOS

Desde sua criação, o fundo é sustentado por diferentes fontes, como o saldo do antigo Fundo de Autogestão, que deu origem ao FAFPRES, o dízimo mensal dos próprios sacerdotes e, também, doações recebidas. Trata-se, assim, de um instrumento que expressa a partilha e a solidariedade na vida da Igreja.

A adequação partiu da experiência dos dois primeiros anos de funcionamento. Segundo o decreto, os recursos previstos inicialmente se mostraram insuficientes para atender plenamente às finalidades do fundo, sobretudo diante das crescentes demandas relacionadas à saúde e à assistência ao clero. Assim, a atualização busca garantir sua sustentabilidade a médio e longo prazo.

NOVA CONTRIBUIÇÃO

Entre as principais medidas está a criação de uma contribuição mensal das paróquias para o fundo, com base em critérios definidos a partir de sua realidade econômica e de suas entradas anuais.

O decreto também estabelece uma coleta anual em favor do Seminário da Arquidiocese, a ser realizada no primeiro fim de semana de agosto. A medida visa a fortalecer a formação sacerdotal e reforça a ligação entre a atenção aos presbíteros e a promoção de novas vocações.

Mais do que uma disposição administrativa, o conjunto dessas iniciativas expressa, portanto, a comunhão e a solicitude da Igreja por aqueles que servem e conduzem o povo de Deus.

eucarístico, que é a sua dúvida, Ivone. A Igreja ensina que quem vai comungar deve abster-se de qualquer comida ou bebida uma hora antes da Comunhão. Água e remédios não quebram o jejum. Essas disposições não valem para idosos e enfermos, porque eles podem receber a Comunhão mesmo que já tenham comido alguma coisa no espaço da hora que antecede o comungar.

Depois da Comunhão, após saborearmos a presença de Jesus Eucarístico em nós, podemos nos alimentar normalmente. Não existe da parte da Igreja nenhuma determinação sobre o tempo.

Comungue sempre, minha irmã. Purifique-se, quando preciso, pela força do perdão sacramental recebido na Confissão. E lembre-se de que Jesus na Eucaristia é alimento para aqueles que estão com a saúde espiritual em dia e é remédio para aqueles que se sentem debilitados na fé. Fique com Deus, e que Ele abençoe você e sua família.

Reprodução



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
CÚRIA METROPOLITANA

2026 - 280 ANOS DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO PAULO

ADEQUAÇÃO

DAS NORMAS ADMINISTRATIVAS E FINANCEIRAS DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO E DO REGULAMENTO DO FUNDO FRATERNO AUXÍLIO PRESBITERAL (FAFPRES)

(19 DE MARÇO DE 2026)

Os principais fins da posse e administração de bens temporais da Igreja são a organização do culto divino, o cuidado do conveniente sustento do clero e dos demais ministros, a prática das obras do sagrado apostolado e a caridade, principalmente em favor dos pobres (cf. cân. 1254 §2). A Igreja tem o direito de pedir aos fiéis o que for necessário para atingir seus fins próprios (cf. cân. 1260 e 1263).

- Considerando que é dever do Bispo diocesano promover as vocações e a formação inicial e permanente do clero, assegurando aos presbíteros uma adequada sustentação, especialmente na enfermidade e na idade avançada (cf. cân. 384 e 385 e cân. 538 §3);

- Considerando que em 2024, após terem sido ouvidos os Bispos Auxiliares, o Conselho de Assuntos Econômicos da Arquidiocese, o Conselho de Presbíteros e o Colégio de Consultores, foi instituído o *Fundo Auxílio Fraterno Presbiteral* (FAFPRES) para o atendimento, conforme Regulamento próprio, das necessidades dos presbíteros diocesanos, especialmente os idosos, enfermos e impossibilitados de exercerem o ministério pastoral;

- Considerando que a experiência de gestão do FAFPRES, de dois anos, mostrou serem insuficientes os ingressos mensais dispostos pelo Regulamento do Fundo para o atendimento dos objetivos previstos;

- Após ouvir novamente os Bispos Auxiliares, o Conselho de Presbíteros, os Procuradores da Mitra Arquidiocesana e o Conselho Gestor do FAFPRES, tendo a preocupação única da sustentabilidade do FAFPRES, a médio e longo prazo, em benefício dos padres necessitados desse auxílio fraterno;

- Em força do Art. 15 das *Normas Administrativas e Financeiras da Arquidiocese de São Paulo* e do Art. 15 do *Regulamento do Fundo Fraterno Auxílio Presbiteral*,

+ *Odilo Pedro Scherer*

[Assinatura]

Av. Higienópolis, 890 - SÃO PAULO - CEP 01238-000
T. (+55 11) 3660 3700 - chancelaria@arquisp.org.br



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
CÚRIA METROPOLITANA

2026 - 280 ANOS DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO PAULO

DETERMINO:

A) A CONTRIBUIÇÃO PAROQUIAL PARA O FAFPRES:

- Que, mantido o previsto no art. 1º do Regulamento do FAFPRES, também cada paróquia contribua mensalmente para o *Fundo Fraterno Auxílio Presbiteral* da Arquidiocese de São Paulo com 2% da média anual das entradas lançadas nos balancetes do ano anterior, (acrescenta-se ao art. 6º das *Normas Administrativas e Financeiras*: “*Despesas e saídas (paroquiais)*”);
- Que a Mitra Arquidiocesana de São Paulo envie o boleto mensal correspondente à contribuição de cada paróquia, a ser lançada até o dia 15 de cada mês em conta corrente indicada pela mesma Mitra.

B) A COLETA EM FAVOR DO SEMINÁRIO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO:

- Que no primeiro final de semana do mês de agosto, todas as coletas e ofertas nas missas e celebrações da Palavra nas paróquias e demais comunidades sejam realizadas em favor do Seminário da Arquidiocese e da formação sacerdotal (acrescenta-se ao art. 7º das *Normas Administrativas e Financeiras*: “*Coletas e contribuições especiais*”);
- Que essas coletas e ofertas sejam repassadas, através de boletos emitidos pela Mitra Arquidiocesana de São Paulo, para uma conta corrente específica a ser indicada pela mesma Mitra.

Estas decisões, revogadas todas as decisões contrárias, entram em vigor no dia 19 de março de 2026.

Exorto a todos que ofereçam seu apoio, a partir da fé e da caridade cristã, aos ministros da Igreja no exercício de sua missão; rezem pelas vocações sacerdotais e religiosas e promovam a pastoral das vocações nas paróquias, comunidades, grupos e famílias da Arquidiocese. “As vocações são uma resposta de Deus providente a uma comunidade orante” (S. João Paulo II, *Pastores dabo vobis*).

São Paulo, 18 de março de 2026, nas primeiras vésperas da Solenidade de São José, Esposo da Bem-Aventurada Virgem Maria e Padroeiro universal da Igreja, no 280º ano da criação da diocese de São Paulo.



+ *Odilo Pedro Scherer*
Cardeal Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo
[Assinatura]
Pe. Everton Fernandes Moraes
Chanceler do Arcebispado

Prot.: 570/26

Av. Higienópolis, 890 - SÃO PAULO - CEP 01238-000
T. (+55 11) 3660 3700 - chancelaria@arquisp.org.br

Você Pergunta

Quanto tempo temos de ficar sem comer antes e depois de comungar?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

Esta é a dúvida da Ivone, de Santana. Eu aproveito a pergunta para falar das condições para se receber a Sagrada Comunhão. A primeira é ser católico, por conseguinte, crer na presença real de Jesus na Eucaristia. Pessoas de outras religiões, mesmo que sejam cristãs, não podem se aproximar da mesa do altar para comungar.

Depois, vem a necessidade do estado de graça. Uma pessoa em pecado mortal tem de, primeiramente, reconciliar-se com Deus e com os irmãos por meio de uma boa Confissão, para depois aproximar-se do altar e comungar. É claro que, lá onde é impossível se confessar imediatamente, a mãe Igreja permite que se comungue após um ato de contrição perfeita, com o propósito de se confessar o mais depressa possível.

E vem, enfim, a necessidade do jejum

Encontro arquidiocesano destaca a atuação das equipes de Liturgia na Igreja

ATIVIDADE FOI ASSESSORADA PELO PADRE LUIZ EDUARDO PINHEIRO BARONTO, QUE RECORDOU ASPECTOS DA CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *SACROSANCTUM CONCILIUM*



Padre Luiz Baronto, liturgista e Cura da Catedral da Sé, assessora o Encontro Arquidiocesano de Formação Litúrgica, iniciado com a Oração das Laudes, conduzida por Dom Edilson Silva

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Com a participação de representantes das equipes de liturgia paroquiais, a Comissão Arquidiocesana de Liturgia realizou no sábado, 21, no Centro Universitário Assunção, na zona Sul, o Encontro Arquidiocesano de Formação Litúrgica, com a proposta de melhor elucidar a missão das equipes de liturgia na Igreja.

A atividade foi iniciada com a Oração das Laudes, conduzida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Referencial para a Liturgia Arquidiocesana, que em breve reflexão comentou que a Quaresma é tempo oportuno para a meditação da Palavra de Deus, a realização da caridade e a renovação da graça do Batismo, um processo de conversão que conduz à santificação a partir da mudança de mentalidade e de comportamentos.

A PASTORAL NA IGREJA

O encontro foi assessorado pelo Padre Luiz Eduardo Pinheiro Baronto, liturgista, professor universitário, Cura da Catedral da Sé e Coordenador Arquidiocesano da Comissão da Santificação.

Inicialmente, ele explicou que a pastoral é a forma pela qual a Igreja cuida de suas ovelhas, tendo como referência o agir de Jesus. Também sublinhou que a pastoral é alimentada por um espírito de comunhão e participação, atualmente mais conhecido como sinodalidade, e tem como mística dar visibilidade a Cristo no mundo, algo que jamais deve ser esquecido pelos agentes pastorais sob o risco de que o foco passe a ser mais nas pessoas do que em Cristo.

“Toda missão da Igreja é de cunho evangelizador e pastoral porque atualiza a prática de Jesus”, destacou o Sacerdote, também sublinhando que os agentes pastorais precisam conhecer tanto a Jesus, ou seja, ser pessoas iniciadas na fé e que a vivam com maturidade, quanto o Povo de Deus a quem servem em nome da Igreja,

devendo estar próximos às pessoas e ser sabedores de suas dificuldades e aflições cotidianas.

Padre Baronto comentou ainda que a pastoral é uma ação planejada, refletida e organizada, e que este agir se dá em três dimensões transversais, alicerçadas no que disse Jesus aos apóstolos no Evangelho segundo Mateus (cf. Mt 28,19-20): fazer discípulos, ou seja, o anúncio da fé; batizar, que envolve a dimensão sacramental da ação evangelizadora, conduzindo à santificação do povo; e ensinar sobre como viver a fé, o que contempla a dimensão do testemunho.

A AÇÃO DA PASTORAL LITÚRGICA

Mencionando o ponto 10 da *Sacrosanctum Concilium*, Padre Baronto ressaltou que a Pastoral Litúrgica tem como grande objetivo promover a liturgia como fonte e cume da vida eclesial. No ponto 14 da mesma constituição conciliar é lembrado que a liturgia é a primeira e necessária fonte da qual os fiéis haurem o espírito genuinamente cristão. O Sacerdote comentou ainda que na Liturgia, Jesus, o Pastor, reúne-se sacramentalmente com o seu rebanho, que é a Igreja.

“Nós trabalhamos em uma pastoral que visa à santificação do povo de Deus. Ganhar ou não o Reino dos Céus depende da qualidade da nossa Liturgia”, sublinhou Padre Baronto, comentando que isso não se resume apenas às missas, mas também às bênçãos, aos sacramentais, à celebração das Exéquias e ao sacramento da Unção dos Enfermos.

Ao falar sobre o ponto 7 da *Sacrosanctum Concilium*, na qual se aponta a liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo, Padre Baronto lembrou que toda celebração litúrgica é ação sagrada por excelência, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu corpo que é a Igreja.

AMPLA PARTICIPAÇÃO DO POVO DE DEUS

Padre Baronto também lembrou que a Pastoral Litúrgica deve fazer com que o povo de Deus se torne parte da Liturgia, o que é detalhado no ponto 14 da

Sacrosanctum Concilium, segundo a qual é desejo da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas.

O Sacerdote falou sobre cinco aspectos que o documento conciliar indica sobre essa participação, que deve ser: Ativa (o povo se envolve na celebração); Interior (deve ser ter atenção aos momentos de silenciar na liturgia, de escutá-la profundamente); Consciente (o coração e a mente do fiel devem estar em sintonia com Liturgia para bem compreendê-la); Frutuosa (participar da celebração deve redundar em comportamentos individuais e comunitários compatíveis a quem teve o encontro com o Evangelho de Jesus); e Plena (o fiel deve ter atenção plena ao que está sendo celebrado, o que requer tanto o esforço pessoal quanto de quem conduz a liturgia para não gerar dispersão).

EQUIPES DE LITURGIA E DE CELEBRAÇÃO

Ainda de acordo com o Assessor do encontro, a Liturgia é uma ação eclesial e comunitária, que demanda a existência de uma equipe litúrgica em cada paróquia, que se paute em reflexão, estudo e ação.

Padre Baronto detalhou algumas das funções próprias da equipe de liturgia paroquial, entre as quais organizar a vida litúrgica da igreja matriz e comunidades; atuar no conjunto da pastoral da paróquia; oferecer aos diversos ministérios encontros de formação; preparar subsídios de apoio; delegar representantes para formações regionais e arquidiocesanas; preparar as grandes celebrações de âmbito paroquial, como as missas com Crismas e as da festa do padroeiro; e viabilizar que a Liturgia seja dignamente celebrada.

O Sacerdote destacou que não se deve confundir a equipe de liturgia com a de celebração, sendo que nesta última estão os diretamente encarre-

gados pelas celebrações da Eucaristia, da Palavra, do Batismo, do Matrimônio, das Exéquias, entre os quais os leitores, ministros extraordinários da Sagrada Comunhão, membros da equipe de acolhida, salmistas, comentaristas, cantores e instrumentistas.

“Todos os ministérios devem atuar em sinergia na Liturgia, estar em espírito de comunhão e de diálogo”, indicou Padre Baronto, enfatizando que, por exemplo, as equipes de canto não podem caminhar de modo independente dos demais ministérios da Liturgia.

A SERVIÇO DO POVO E DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO

Por fim, Padre Baronto citou o ponto 19 da *Sacrosanctum Concilium*, no qual se aponta para a necessária boa formação litúrgica do clero, e que este fomente com consistência o zelo, a educação litúrgica e a participação ativa dos fiéis na Liturgia. “Cuidar da formação litúrgica é cuidar de algo sublime, fundamental na missão de quem é dispensador do mistério de Deus”, concluiu.

Antes do encerramento do encontro, Padre Baronto e Dom Edilson responderam a dúvidas dos participantes sobre o canto litúrgico e a correta maneira de envolver mais pessoas na Pastoral Litúrgica. Ao final, o Bispo Auxiliar agradeceu aos que se empenham na Liturgia e rezou para que o Espírito Santo ajude a todos a celebrar de forma consciente e a ativa a Liturgia nas comunidades paroquiais.

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, Dom Edilson sublinhou que as formações promovidas pela Comissão Arquidiocesana de Liturgia buscam ajudar as equipes a favorecer a participação ativa e consciente dos fiéis em toda ação litúrgica. “Nós estamos a serviço do povo de Deus e da celebração do Mistério Pascal de Cristo, que é a fonte e cume de toda a vida eclesial, para onde tudo vai e de onde tudo emana, para que possamos continuar a missão que Jesus nos confiou”, concluiu.

Semana Santa recorda o mistério pascal, fundamento da fé cristã

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A Semana Santa ocupa, na vida da Igreja, um lugar singular: nela se celebra o mistério central da fé cristã – a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Mais do que uma sucessão de ritos, esses dias formam um verdadeiro itinerário espiritual que conduz os fiéis ao núcleo do Cristianismo. No centro desse caminho está o Tríduo Pascal, cuja configuração litúrgica remonta aos primeiros séculos e expressa, de modo unitário, o mistério pascal de Cristo, celebrado como um único grande acontecimento de salvação.

A entrada nesse tempo forte se dá com o Domingo de Ramos, que recorda a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. A liturgia une, de forma significativa, a aclamação festiva do povo – que acolhe Cristo com ramos – à proclamação solene da Paixão. Essa justaposição não é acidental: ela revela que o caminho da glória passa necessariamente pela Cruz. Como ensina São Leão Magno: “O Verbo de Deus, Deus verdadeiro, gerado eternamente do Pai, assumiu a condição de servo sem diminuir a sua majestade; de tal modo que, permanecendo invisível na sua natureza divina, se tornou visível na nossa natureza humana” (Sermão 51). Os ramos bentos, levados pelos fiéis, tornam-se sinal dessa realza que se manifesta na entrega.

Nos dias que antecedem o Tríduo Pascal, destaca-se a Missa do Crisma, celebrada pelo bispo com seu presbitério, geralmente na manhã Quinta-feira Santa ou em outro dia da semana que facilite a participação de todo o clero. Nessa celebração, são abençoados os santos óleos utilizados ao longo do ano nos sacramentos do Batismo e da Unção dos Enfermos, é consagrado o óleo do Crisma, usado na Confirmação e nas ordenações presbiteral e episcopal. Trata-se de um momento de forte expressão da unidade da Igreja particular, no qual os sacerdotes renovam suas promessas e se evidencia a comunhão em torno do bispo. A celebração também recorda que toda a vida sacramental tem sua fonte no mistério pascal que será celebrado nos dias seguintes.

TRÍDUO SANTO

O Tríduo Pascal tem início na Quinta-feira Santa, com a Missa da Ceia do Senhor. A Igreja faz memória da instituição da Eucaristia e do sacerdócio ministerial. Na Última Ceia, Cristo antecipa sacramentalmente o sacrifício da Cruz e permanece presente entre os seus. Como afirma São João Paulo II: “Na Eucaristia, temos Jesus, temos o seu sacrifício redentor, temos a sua ressurreição, temos o dom do Espírito Santo, temos a adoração, a obediência e o amor ao Pai” (*Ecclesia de Eucharistia*, n.60). O gesto do lava-pés, repetido na liturgia, revela que esse mistério só pode

ser compreendido à luz do amor que se faz serviço com o dom de si.

A Sexta-feira Santa, marcada pelo silêncio e pela sobriedade, conduz os fiéis à contemplação da Paixão do Senhor. Nesse dia, a Igreja não celebra a missa, mas se reúne para ouvir a Palavra, adorar o mistério da Cruz e comungar o Corpo de Cristo. A Cruz ocupa o centro da celebração, revelando o amor levado até o extremo. Santo Agostinho exprime essa realidade com imagens fortes: “O médico estava pendente na cruz, e o doente estava deitado; aquele derramava o seu sangue, este recebia o remédio” (Sermão 87). Aquilo que parecia derrota se torna fonte de vida e redenção.

O Sábado Santo é marcado pelo silêncio e pela espera. A Igreja permanece junto ao sepulcro do Senhor, em atitude de oração e recolhimento. Esse tempo possui profundo significado espiritual: ele recorda que também a experiência da ausência de Deus pode fazer parte do caminho humano, mas nunca é definitiva. Trata-se de um silêncio fecundo, carregado de esperança, que prepara o anúncio da Ressurreição.

A GRANDE VIGÍLIA

A Vigília Pascal, celebrada na noite do Sábado Santo, é considerada a “mãe de todas as vigílias” e constitui o ponto culminante de todo o ano litúrgico. Sua riqueza simbólica expressa a passagem das trevas para a luz, da morte para a

vida. O fogo novo, aceso no início da celebração, representa Cristo ressuscitado; o círio pascal, levado em procissão, torna visível essa luz que ilumina toda a humanidade. Na antiga homilia pascal, São João Crisóstomo proclama com vigor: “Ninguém tema a morte, porque a morte do Salvador nos libertou. Ele destruiu-a, sendo por ela dominado”.

A liturgia da Palavra percorre as etapas da história da salvação, mostrando a fidelidade de Deus desde a criação até a Ressurreição. Na liturgia batismal, os fiéis renovam suas promessas, recordando que participam da morte e da vida nova de Cristo. Como ensina o apóstolo Paulo: “Se morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos” (Rm 6,8).

Celebrar o Tríduo Pascal não é apenas recordar acontecimentos passados, mas tornar presente, no presente da história, o mistério da salvação. Cada fiel é chamado a inserir-se pessoalmente neste caminho, deixando-se transformar pela graça que brota da Cruz e da Ressurreição.

Da entrada em Jerusalém à luz da Vigília Pascal, a Igreja conduz os fiéis por um itinerário que passa pela Cruz, mas se abre à vida nova. Como proclama São Gregório Nazianzeno: “Ontem, fui crucificado com Ele; hoje, sou glorificado com Ele. Ontem, morri com Ele; hoje, volto à vida com Ele. Ontem, fui sepultado com Ele; hoje, ressuscito com Ele” (Discurso 45).

CELEBRAÇÕES DE DOM ODILO E DOS BISPOS AUXILIARES NO TRÍDUO PASCAL E NO DOMINGO DE PÁSCOA

CARDEAL ODILO PEDRO SCHERER

Todas as celebrações na Catedral da Sé

QUINTA-FEIRA SANTA, 2

18h - Missa da Ceia do Senhor

SEXTA-FEIRA SANTA, 3

15h - Celebração da Paixão do Senhor

SÁBADO SANTO, 4

19h - Solene Vigília Pascal

DOMINGO DE PÁSCOA, 5

11h - Missa de Páscoa

DOM EDILSON DE SOUZA SILVA

QUINTA-FEIRA SANTA, 2

19h - Missa da Ceia do Senhor, na Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate, em Pinheiros

SEXTA-FEIRA SANTA, 3

15h - Celebração da Paixão do Senhor, na Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate
20h - Pregação de encerramento da Via-Sacra e abertura da encenação da Paixão do Senhor na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Leopoldina

SÁBADO SANTO, 4

19h - Solene Vigília Pascal, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Leopoldina

DOMINGO DE PÁSCOA, 5

10h - Missa de Páscoa, na Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate, em Pinheiros

DOM CELSO ALEXANDRE

QUINTA-FEIRA SANTA, 2

20h - Missa da Ceia do Senhor, na Paróquia Santa Cristina, no Parque Bristol

SEXTA-FEIRA SANTA, 3

15h - Celebração da Paixão do Senhor, na Paróquia Santa Cristina

SÁBADO SANTO, 4

19h - Solene Vigília Pascal, na Paróquia Santa Cristina

DOMINGO DE PÁSCOA, 5

10h - Missa da Páscoa da Ressurreição, na Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório, na Água Funda
18h - Missa de Páscoa, na Paróquia São Bernardo de Claraval, na Vila Liviero

DOM CÍCERO ALVES DE FRANÇA

QUINTA-FEIRA SANTA, 2

19h - Missa da Ceia do Senhor, na Paróquia São Pedro Apóstolo, na Mooca

SEXTA-FEIRA SANTA, 3

15h - Celebração da Paixão do Senhor, na Paróquia São Pedro Apóstolo

SÁBADO SANTO, 4

19h - Solene Vigília Pascal, na Paróquia São Pedro Apóstolo

DOMINGO DE PÁSCOA, 5

10h - Missa de Páscoa, na Paróquia São Marcos Evangelista, Parque São Rafael

DOM CARLOS SILVA, OFMCap.

QUINTA-FEIRA SANTA, 2

20h - Missa da Ceia do Senhor, na Quase-Paróquia Santo Antônio de Pádua, no Parque Nações Unidas

SEXTA-FEIRA SANTA, 3

15h - Celebração da Paixão do Senhor, na Quase-Paróquia Santo Antônio de Pádua

SÁBADO SANTO, 4

19h - Solene Vigília Pascal, na Quase-Paróquia Santo Antônio de Pádua, no Parque Nações Unidas

DOMINGO DE PÁSCOA, 5

5h30 - Procissão da Ressurreição na Paróquia Nossa Senhora Mãe e Rainha, no Parque Pan-Americano, seguida de Missa de Páscoa, às 6h
10h - Missa da Páscoa da Ressurreição do Senhor, na Quase-Paróquia Santo Antônio de Pádua

DOM CARLOS LEMA GARCIA

QUINTA-FEIRA SANTA, 2

19h - Missa da Ceia do Senhor, na Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, na Aclimação

SEXTA-FEIRA SANTA, 3

15h - Celebração da Paixão do Senhor, na Paróquia São José do Maranhão, no Tatuapé

SÁBADO SANTO, 4

19h - Solene Vigília Pascal, na Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrate, em Pinheiros

DOMINGO DE PÁSCOA, 5

10h - Missa de Páscoa da Ressurreição, na Paróquia Nossa Senhora do Brasil, no Jardim América

DOM MÁRCIO ANTONIO VIDAL DE NEGREIROS, OSA

QUINTA-FEIRA SANTA, 2

20h - Missa da Ceia do Senhor, na Paróquia São Francisco Xavier, no Jardim Japão

SEXTA-FEIRA SANTA, 3

15h - Celebração da Paixão do Senhor, na Basílica Menor de Sant’Ana, em Santana

SÁBADO SANTO, 4

20h - Solene Vigília Pascal, na Paróquia Santa Dulce dos Pobres, no Jardim Portal I e II

DOMINGO DE PÁSCOA, 5

10h - Missa da Páscoa da Ressurreição, na Basílica Menor de Sant’Ana

DOM ROGÉRIO AUGUSTO DAS NEVES

*Não estava com a agenda de celebrações definida até o fechamento desta edição, porém os detalhes estarão disponíveis no site do **O SÃO PAULO** (<https://osaopaulo.org.br/>)

Há três décadas, Arsenal da Esperança fortalece sua missão de acolhida à população em situação de rua



Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO

Missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, no sábado, 21, marca as comemorações dos 30 anos do Arsenal da Esperança em São Paulo

FERNANDO GERONAZZO ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Portões que nunca se fecham, turnos que se sucedem dia e noite e uma rotina marcada pelo acolhimento. Há 30 anos, essa dinâmica sustenta o Arsenal da Esperança, na zona Leste da capital paulista, onde diariamente cerca de 1,2 mil homens em situação de rua encontram abrigo, alimentação e oportunidades de recomeço. O aniversário da instituição foi celebrado no sábado, 21, reunindo colaboradores, voluntários, benfeitores e membros da Fraternidade da Esperança vindos de Turim, na Itália, onde nasceu a iniciativa.

O ponto central das comemorações foi a missa em ação de graças, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, e concelebrada por diversos sacerdotes.

Mais do que um centro de acolhida, o Arsenal se consolidou, ao longo de três décadas, como uma experiência contínua de reconstrução de trajetórias de vida. Instalado na antiga Hospedaria dos Imigrantes, no Brás – espaço historicamente ligado à chegada de milhões de migrantes ao Brasil –, o local mantém viva sua vocação original: ser ponto de partida para novos caminhos.

VIDA NOVA

Na homilia, Dom Odilo situou a missão da instituição no coração da fé cristã, a partir do Evangelho do 5º Domingo da Quaresma, que narra a ressurreição de Lázaro. “Jesus Cristo é a ressurreição e a vida... e quem vive e Nele crê, ainda que esteja morto, viverá”, recordou o Arcebispo, destacando que a experiência cristã passa pela superação das “mortes” presentes no cotidiano – como o pecado, a exclusão, a injustiça e o egoísmo.

Ao relacionar essa mensagem com a realidade do Arsenal, o Cardeal afirmou que a obra se insere concretamente nesse movimento de passagem da morte para a vida. “Não é à toa que se chama Arsenal da Esperança. É uma obra que faz renascer a esperança para tantas pessoas”, disse. Segundo ele, trata-se de um trabalho que nasce da caridade cristã e se traduz em gestos concretos de acolhida, capazes de devolver dignidade e perspectiva a quem chega. Dom Odilo também destacou a importância do engajamento de diferentes setores. “Que este trabalho continue a ser sinal de vida... e que muitos continuem a se envolver, inclusive por meio de políticas públicas de vida e de esperança”, manifestou.

HISTÓRIA

A origem do Arsenal da Esperança remonta à Itália, onde, em 1964, o italiano Ernesto Olivero e sua esposa, Maria Cerrato, fundaram o Sermig (em italiano, *Servizio Missionario Giovani*), mobilizando jovens para ações concretas de solidariedade. Em 1983, o grupo transformou uma antiga fábrica de armas em Turim no “*Arsenale della Pace*”, gesto que deu forma ao carisma da obra: converter estruturas marcadas pela violência e pela exclusão em lugares de acolhida e paz.

Esse mesmo impulso chegou a São Paulo em 1996, a convite de Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida (1930-2006), à época Bispo Auxiliar de São Paulo. Desde então, o Arsenal ampliou sua atuação, mantendo uma proposta que articula assistência imediata com acompanhamento social e iniciativas de formação.

Os números ajudam a dimensionar essa trajetória: mais de 79 mil pessoas acolhidas, cerca de 28 milhões de refeições servidas e mais de 12 milhões de pernoites oferecidos. No entanto, como destacam seus responsáveis, a identidade da instituição não se esgota nos dados, mas na experiência cotidiana que ali se constrói.

CONTINUAR A SONHAR

O presidente da Associação Sermig, Padre Simone Bernardi, sublinhou o sentido da missão que sustenta a obra ao longo dos anos. Ao recordar a origem do nome, ressaltou a intuição de transformar “uma fábrica de armas em um arsenal de paz”. Para ele, essa mesma lógica continua a orientar o cotidiano da casa, marcado por uma fidelidade que se expressa na perseverança. “Fidelidade não significa só permanecer, mas continuar a sonhar, continuar a acreditar”, afirmou, sintetizando o método da instituição: “Temos de continuar a dar, sem olhar se a pessoa merece ou não merece”.

Representando o fundador Ernesto Olivero, Rosanna Tabasso, presidente da Fraternidade da Esperança do Sermig, destacou que a história do Arsenal é construída pelo “sim” de muitas pessoas que, ao longo dos anos, fizeram de suas vidas um dom a serviço dos mais necessitados, garantindo a continuidade da obra.

Rosanna também ressaltou a dimensão espiritual e comunitária que sustenta a obra desde sua origem. Segundo ela, o Arsenal da Esperança é fruto de uma história construída na fidelidade cotidiana,

marcada pela confiança em Deus e pelo compromisso concreto com os mais pobres. Ao recordar o percurso iniciado na Itália, comentou que cada pessoa envolvida – voluntários, colaboradores e membros da Fraternidade – contribuiu para que a iniciativa se mantivesse viva ao longo dos anos, transformando um projeto inicialmente improvável em uma presença contínua de acolhida e esperança.

RECONHECIMENTO

No início da celebração, Domenico Fornara, cônsul-geral da Itália em São Paulo, falou sobre o valor histórico do espaço e sua ligação com a imigração.

CONHEÇA E COLABORE COM O ARSENAL DA ESPERANÇA

O Arsenal da Esperança convida a sociedade a conhecer mais de perto sua atuação e a participar desta rede de solidariedade, seja por meio do voluntariado, de doações ou da divulgação de seu trabalho. Informações sobre a instituição e formas de colaboração podem ser acessadas em:

<https://br.sermig.org/arsenais/arsenal-da-esperanza-sao-paulo-brasil.html>.

Reprodução



N. 5919/26

Brasília-DF, 23 de março de 2026

Eminência Reverendíssima,

Transmito a mensagem que, em nome de Sua Santidade o Papa Leão XIV, o Eminentíssimo Secretário de Estado envia à Vossa Eminência por ocasião dos 30 anos de fundação do Arsenal da Esperança Dom Luciano Mendes de Almeida:

«Eminentíssimo e Reverendíssimo
Dom Odilo Pedro Cardeal Scherer
Arcebispo Metropolitano de São Paulo

Sua Santidade Leão XIV envia uma cordial saudação a todos os atendidos e colaboradores do “Arsenal da Esperança Dom Luciano Mendes de Almeida”, na cidade de São Paulo, com ocasião da comemoração dos 30 anos de sua fundação.

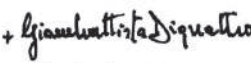
Tendo sido informado sobre o precioso trabalho que ali se desenvolve de promoção social, atenção aos mais carentes e acolhida dos que não tem onde dormir, o Santo Padre faz votos de que esta iniciativa continue a produzir muitos frutos de caridade cristã, recordando que «os mais pobres entre os pobres - que não apenas carecem de bens, mas também de voz e do reconhecimento da sua dignidade - ocupam um lugar especial no coração de Deus» (Dilexi te, 76).

Deste modo, o Papa Leão XIV associa-se às celebrações desse trigésimo aniversário e implora abundantes favores celestiais sobre todos aqueles que tomam parte nas atividades promovidas pela instituição. E, para confirmar tais intenções, o Santo Padre concede-lhes a Bênção Apostólica.

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado».

Com cordial respeito e profunda estima e alegria, agrego minhas felicitações e me uno em oração com o Povo de Deus confiado ao seu zelo pastoral

de Vossa Eminência
dev.mo no Senhor


Giambattista Diquattro
Núncio Apostólico

À Sua Eminência Reverendíssima
o Senhor Cardeal Odilo Pedro Scherer
Arcebispo Metropolitano de São Paulo

SÃO PAULO - SP



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

Cristo nas artes plásticas e no cinema



Na Páscoa, é comum a exibição de filmes sobre Jesus. Uma admoestação da série The Chosen é oportuna: se quiser conhecer a Cristo, leia os Evangelhos; os filmes são entretenimento. Eles nos falam mais sobre nossa busca por Aquele pelo qual nosso coração anseia... Mas a arte faz isso desde os inícios do Cristianismo.

Francisco Borba Ribeiro Neto*

No Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, do século VI, repousa a mais antiga representação de Cristo conhecida: um Pantocrator, o Cristo "Senhor do Universo". Não se conhece o seu autor (os ícones não costumam nomear o autor, que se considera mero instrumento do Espírito). O rosto de Cristo é assimétrico, um lado representando sua divindade, outro sua humanidade – a obra não quer mostrar a realidade visível, mas a transcendência invisível aos olhos. O Senhor da Glória amou a cada um de nós, a ponto de se sacrificar por nós... Mas, mesmo em seu sacrifício, resplandece Sua glória.

Essa visão, até hoje presente no catolicismo oriental, marcou a arte cristã por séculos. O Pantocrator, emoldurado por mosaicos dourados,

adornou as igrejas medievais até o Renascimento. A partir do século XIV, o antropocentrismo humanista quis exaltar o humano, não tanto o divino. Cristo permanecia central, mas agora representado de forma realista, com beleza harmônica e equilibrada. Na encarnação se valoriza o humano, Deus torna-se homem para revelar no humano uma centelha divina. Leonardo da Vinci, Rafael e Michelangelo, entre os séculos XV e XVI, são os grandes mestres deste tempo.

Mas a glória humana é fugaz! Os cristãos logo perceberam que ela é incomparavelmente menos presente que a injustiça, a dor e a morte. O Barroco, a partir dos séculos XVII e XVIII, com Caravaggio, Rubens, Velázquez e outros, passou a mostrar Cristo sofredor, padecendo intensamente. O povo simples se identificou e até hoje grande parte do imaginário cristão popular carrega essa imagem, que não deixa de ser justa: "A morrer

crucificado / teu Jesus é condenado / Por teus crimes, pecador!".

Nos séculos XIX e XX, gravuras como as de Gustave Doré e reproduções comerciais cristalizaram outra imagem de Cristo: sentimental e devocional, reconfortante, perpetuada em calendários, Bíblias ilustradas e cartões. Democratizaram a imagem sagrada, levando Cristo para cada lar – mas muitas vezes banalizaram o Mistério, transformando o Transcendente em decoração pietista.

Paralelamente, mestres da arte moderna, como Gauguin, com seu *Cristo Amarelo*; Rouault, Nolde, com seus perturbadores Cristos expressionistas; Chagall, com sua *Crucificação Branca*, negaram a representação naturalista. Suas imagens tornam-se manifestos que exprimem a dor do mundo com cores violentas, agonia evidente, formas fragmentadas; ou parecem desenhos ingênuos de crianças, refletindo o desejo de uma paz e

uma pureza inalcançáveis.

Após o Concílio Vaticano II, a arte sacra vem fazendo um movimento de volta às origens. A sede por um encontro com Cristo simples, encarnado e profundo, revela-se, por exemplo, na obra do brasileiro Cláudio Pastro. Ele recuperou a transcendência das fontes paleocristãs e bizantinas, rejeitando o sentimentalismo, encarnando traços brasileiros mestiços. É uma arte que afirma: o Verbo continua presente em nossos tempos, na carne de nosso povo.

Cada rosto de Cristo é espelho da fé. Não pintamos Cristo como foi, mas como se manifesta a nós. Algumas vezes, essas representações atestam nosso fechamento diante do Mistério. Em outras, são o retrato comovente do coração que busca a Deus e dedica toda a sua arte para celebrar o encontro com Ele.

* Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Cristo, na ótica dos cineastas

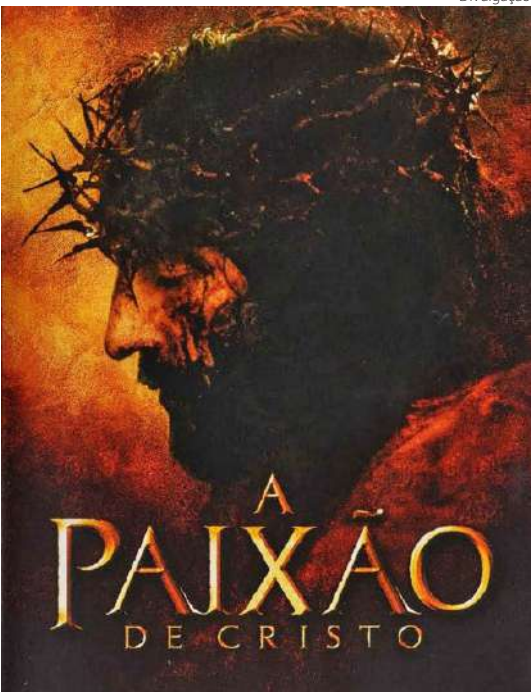
Redação

A representação cinematográfica de Cristo sempre foi terreno de controvérsias e fascínio. Desde os primórdios do cinema, cineastas enfrentaram o desafio singular de tornar visível aquele que é, para os cristãos, ao mesmo tempo plenamente humano e plenamente divino. Como representar em imagens a encarnação do Verbo? As seis obras analisadas neste texto mostram posições muito diferentes diante do desafio representado pela fé – pois converter-se a partir do encontro com Cristo sempre será um desafio para todos nós, sejamos como os escribas e os fariseus (cf. Jo 8,12-30), como o jovem rico (Mc 10,17-22) ou até mesmo como os apóstolos (Mt 16,13-17) ... E, precisamente por isso, estas obras dizem muito mais sobre a forma como nossos tempos se confrontam com a pessoa de Cristo do que sobre a pessoa de Jesus. Cada uma, a seu modo, repete a pergunta fundamental do Cristianismo: quem é Jesus Cristo? E todas, inevitavelmente, revelam não apenas quem os diretores pensam que Cristo é, mas também

quem eles próprios são, quais suas angústias, esperanças e pressupostos sobre o humano e o divino. Representam diversos momentos da história recente, com diferentes sensibilidades estéticas e posturas existenciais.

Mel Gibson mergulha no realismo visceral do sofrimento e da culpa; Franco Zeffirelli aposta na beleza renascentista para criar uma obra clássica e reverente. Pier Paolo Pasolini, na fotografia em branco e preto típica do neorealismo italiano, nos mostra o Cristo transcendente que ele, marxista ateu, parece nunca ter conseguido encontrar. Martin Scorsese explora as próprias dúvidas existenciais por meio da lente psicológica, falando mais das inseguranças das pessoas de nossos tempos do que do Cristo evangélico. Norman Jewison traduz a Paixão para a linguagem da ópera rock, seu Cristo “paz e amor” mostra quanto a geração hippie desejava o Messias, mas também sua dificuldade de entender um amor que não se caracterizava pelo prazer, mas pelo sacrifício em nome da pessoa amada. Por fim, Dallas Jenkins mostra o êxito do Cristianismo militante dos tempos atuais.

A Paixão de Cristo, de Mel Gibson



A PAIXÃO DE CRISTO. Direção: Mel Gibson. Com Jim Caviezel, Maia Morgenstern, Monica Bellucci. Estados Unidos: Icon Productions, 2004.

Lançado em 2004, este filme provocou uma das controvérsias religiosas mais intensas da história recente. Considerado um ponto de virada no cinema cristão moderno, o filme marcou o retorno do interesse pelas histórias bíblicas. Foi aclamado e celebrado com igual fervor. Embora a comunidade cristã, em geral, tenha abraçado a obra, a violência visceral gerou críticas de quem questionava se a ênfase no sofrimento físico não obscurecia a mensagem ampla do Evangelho.

Mel Gibson não ocultou suas motivações: inspirado nas Estações da Cruz e nas visões da mística Anne Catherine Emmerich, ele buscou confrontar o pú-

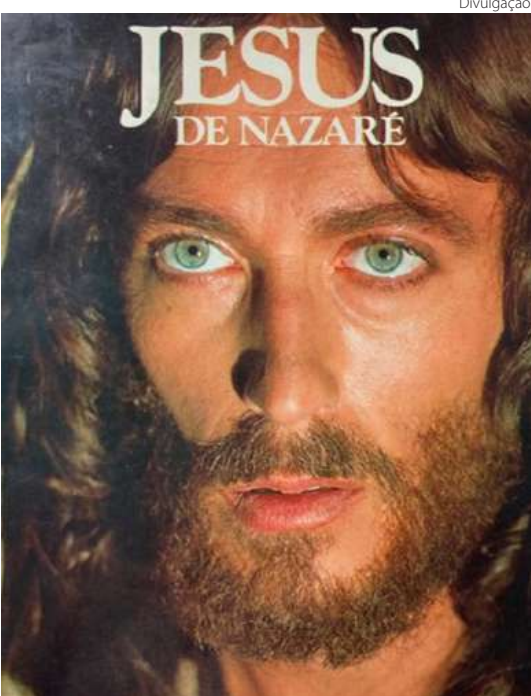
blico com o peso do pecado e a enormidade da graça manifesta no sacrifício. Para isso, utilizou uma estética calcada no Barroco, especialmente nas pinturas de Caravaggio. A obra reflete uma consciência atormentada pela dor do pecado, que – de alguma forma – se reconhece amada nas representações artísticas do sofrimento físico de Cristo, que refletem a dor da alma humana, com seus sofrimentos e seus pecados.

O impacto cultural foi inegável. Em um mundo que tenta eliminar a noção de pecado, o filme mergulhou dolorosamente nessa experiência. Com mais de 600 milhões de dólares em bilheteria, provou a viabilidade comercial

de épicos religiosos e recolocou a fé no centro da cultura popular, revelando um desejo humano ardente por um amor redentor, mesmo que este exija o peso do sacrifício.

O foco excessivo na tortura física, sem correspondente ênfase na Ressurreição ou nos ensinamentos de Cristo, representa fidelidade à tradição cristã ou um desvio quase patológico da espiritualidade de Gibson? A recepção do filme mostrou que multidões se identificavam com a espiritualidade do filme. Contudo, sem dúvida, é perigoso, do ponto de vista doutrinal, uma ênfase no sacrifício de Cristo sem a referência ao amor e à alegria que podem nascer da vida cristã.

Jesus de Nazaré, de Franco Zeffirelli



JESUS DE NAZARÉ. Direção: Franco Zeffirelli. Com Robert Powell, Olivia Hussey, Laurence Olivier. Itália/Estados Unidos: NBC, 1977.

A recepção, nos meios cristãos, da minissérie, dirigida por Franco Zeffirelli em 1977, foi notavelmente consensual. A amplitude épica, com mais de seis horas, permitiu cobrir aspectos frequentemente negligenciados em adaptações convencionais. Católicos e protestantes abraçaram a obra, que passou a ser utilizada amplamente em contextos eclesiais como ferramenta de ensino. A credibilidade de Zeffirelli – diretor de cinema renomado – conferiu autoridade artística à empreitada, enquanto líderes religiosos elogiaram o equilíbrio entre a humanidade e a divindade de Cristo. Tornou-se tradição de Páscoa em diver-

sos países, marcando gerações inteiras.

Zeffirelli declarou buscar uma releitura fiel e não sensacionalista da vida de Jesus, extraída diretamente das Escrituras. Pretendia conectar a história antiga aos espectadores modernos por meio de uma narrativa abrangente que enfatizasse compaixão e evitasse o “brilho hollywoodiano” dos épicos bíblicos dos anos 1950. A beleza visual, inspirada na arte renascentista, equilibrava-se com autenticidade histórica.

Enquanto Gibson explora o contraste entre luz e sombra, em cenas que impactam pelo realismo da dor, Zeffirelli, florentino de formação, mergu-

lhrou na tradição renascentista. A composição das cenas remete a Rafael, Leonardo da Vinci e Fra Angelico, com imagens que buscam a suavidade luminosa e o equilíbrio estético. É bem verdade que este esteticismo trouxe críticas significativas, em particular pelo seu Cristo de olhos azuis profundos, pouco provável entre os judeus da sua época.

Apesar das críticas destacarem profundidade espiritual e precisão escritural, a obra pode pecar exatamente pela falta de densidade dramática. Apresenta um Cristo glamourizado e idealizado segundo os gostos da sociedade moderna, que alguns considerarão pouco crível.

O Evangelho Segundo São Mateus, de Pier Paolo Pasolini



O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS. Direção: Pier Paolo Pasolini. Com Enrique Irazoqui, Susanna Pasolini, Mario Sottili. Itália: Arco Film, 1964.

Poucos paradoxos cinematográficos são tão fascinantes: um dos filmes mais reverentes sobre Cristo foi dirigido por um marxista declaradamente ateu. Pasolini queria fazer uma obra engajada, um Cristo revolucionário, declarou ter sido movido pela beleza do texto de Mateus – particularmente a frase “não vim trazer a paz, mas a espada”. Mas havia algo mais. O filme foi dedicado “à cara, alegre e familiar memória de João XXIII” (morto um ano antes da exibição do filme, lançado em 1964); a sensibilidade humana e artística do diretor percebeu que Jesus não podia ser retratado apenas como um homem entre homens.

O filme remete ao estilo neorrealista italiano, em branco e preto, com artistas amadores (emblematicamente, Pasolini escolheu sua própria mãe para representar Maria aos pés da cruz). Sua estética lembra, contudo, os ícones da tradição católica oriental. Cristo tem um rosto ascético, sóbrio e austero, com uma expressão sempre intensa e penetrante, como se o tempo todo estivesse diante de um mistério que está além daquilo que está sendo mostrado. Afasta-se totalmente da idealização do Cristo loiro, de olhos azuis, musculoso e “bonito”.

Em 1995, o Conselho Pontifício para as Comunicações So-

ciais o colocou em uma lista de 45 filmes importantes do cinema mundial. O jornal *L'Osservatore Romano*, em 2014, classificou-o como uma das melhores representações de Cristo. Comunidades evangélicas apreciaram sua autenticidade crua, em contraste com biografias polidas de Hollywood. A obra foi dedicada ao Papa João XXIII.

Para a sensibilidade estética dos dias atuais, o filme pode parecer árido. Contudo, permanece como demonstração evidente de como o acontecimento cristão é superior aos preconceitos ideológicos e fala a todo coração sincero, independentemente da resposta que receba.

A Última Tentação de Cristo, de Martin Scorsese



A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO. Direção: Martin Scorsese. Com Willem Dafoe, Harvey Keitel, Barbara Hershey. Estados Unidos: Universal Pictures, 1988.

Ex-seminarista católico, Scorsese não pretendeu blasfemar, porém seu filme provocou reações viscerais nos meios cristãos, com protestos, boicotes e até atos terroristas! Baseado no romance de Nikos Kazantzakis, buscava explorar a humanidade e as dúvidas de Jesus. Em uma controversa sequência, Cristo, na cruz, imagina como seria ter uma vida comum com Maria Madalena – é a sua “última tentação”: abandonar a missão divina pela normalidade humana. Para Scorsese, essa tentação tornaria a escolha final ainda mais significativa.

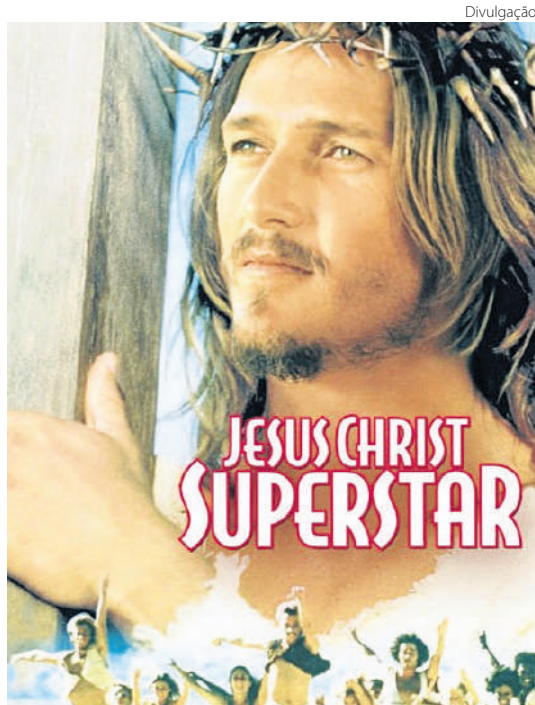
Em entrevistas, Scorsese reforçou que seu objetivo era

mostrar que o sacrifício de Jesus foi real justamente porque Ele sentia medo e desejo como qualquer homem. Se ele fosse apenas um “super-homem” divino, a tentação não teria peso. Percorreu uma via inversa à de Pasolini. O ateu se deu conta de que a história de Cristo não faria sentido se ali não acontecesse algo que está além do humano. O cristão sentiu a necessidade de colocar em Jesus as suas próprias dúvidas existenciais. Alguns teólogos chegaram a defender o filme, considerando-o uma exploração legítima das lutas interiores da fé. Para defensores da obra, representa meditação profunda sobre tentação, dúvida e

obediência. Mas para a maioria dos cristãos, as liberdades teológicas foram inaceitáveis. Apresentar Cristo como potencialmente pecador e sexualmente tentado parecia minar o fundamento da fé. A maior debilidade do filme, porém, é não perceber que a pergunta central do Cristianismo não é se Jesus era como nós, mas se Jesus era Deus...

Culturalmente, o filme desafiou as representações clássicas de Jesus e alimentou os debates sobre limites da liberdade artística *versus* respeito religioso. O filme ganhou o Grammy de Melhor Álbum de Trilha Sonora, para o compositor Peter Gabriel.

Jesus Cristo Superstar, de Norman Jewison



JESUS CRISTO SUPERSTAR. Direção: Norman Jewison. Com Ted Neeley, Carl Anderson, Yvonne Elliman. Estados Unidos: Universal Pictures, 1973.

Quando estreou em 1973, representou algo inédito: a história da Paixão contada como ópera rock, com Jesus retratado como proto-estrela do rock, e Judas como figura trágica e simpática. A recepção cristã foi caracteristicamente dividida. Muitos denunciaram o formato musical e a humanização excessiva de Cristo como irreverentes, preocupados particularmente com a representação simpática de Judas. A ausência de cena de ressurreição teria deixado uma sensação de história incompleta. Outros cristãos abraçaram entusiasticamente a obra, vendo ali um potencial para engajar uma geração distanciada das narrativas bíblicas tradicionais.

Permanece polarizadora – celebração criativa da fé para alguns, secularização inaceitável para outros.

Baseado na ópera rock de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice, Jewison buscava uma releitura vibrante focada na última semana de Cristo. Utilizou as paisagens desérticas de Israel para criar contraste visual entre a narrativa antiga e a estética dos anos 1970 – soldados com metralhadoras, discípulos com roupas da contracultura. A intenção era humanizar os personagens em meio à turbulência política, enquadrando a história por meio das lentes da celebridade moderna.

Culturalmente, tornou-se íco-

ne de seu tempo, mesclando cultura pop com Evangelho. A trilha sonora entrou na cultura popular. O filme reflete de forma aguda a visão dos movimentos de contracultura em relação a Cristo. A mensagem cristã aparece como a exaltação de uma cultura de “paz e amor”, uma vida comunitária na qual a pessoa pode realizar-se livremente. Permanece, porém, uma interrogação, exposta no verso mais conhecido da peça: *What have you sacrificed?*, algumas vezes traduzida para o português como “Qual a razão do seu sacrifício?”. Sem a dimensão do sacrifício e da oferta, o amor e a paz se tornam uma ilusão juvenil.

The Chosen, de Dallas Jenkins



THE CHOSEN. Direção: Dallas Jenkins. Com Jonathan Roumie, Shahar Isaac, Elizabeth Tabish. Estados Unidos: Angel Studios, 2017.

Em 2017, o produtor de cinema Dallas Jenkins enfrentou o fracasso comercial de um de seus filmes. Em crise, admoestado por sua esposa, voltou-se para sua experiência cristã. Resgatou o roteiro de *The Shepherd*, um curta sobre o nascimento de Jesus filmado para sua igreja, e decidiu transformá-lo em uma série de múltiplas temporadas sobre Cristo. O curta foi postado no Facebook para angariar fundos. A resposta foi estrondosa: 10 milhões de visualizações e 19 mil investidores contribuíram com 10 milhões de dólares, um dos maiores financiamentos coletivos de projeto de mídia da história.

A série conta atualmente com cinco temporadas completas, e mais duas planejadas para cobrir toda a vida de Cristo. O investimento total no projeto já ultrapassou 40 milhões de dólares, e a série alcançou mais de 700 milhões de visualizações em todo o mundo,

sendo traduzida para 125 idiomas. Seu modelo de distribuição gratuito por meio de aplicativo próprio e plataformas digitais democratizou o acesso, transformando espectadores em promotores da obra.

A proposta inovadora de Jenkins foi contar a história de Jesus a partir da perspectiva de seus discípulos – “Os escolhidos” do título. Em vez de focar exclusivamente o Cristo, a série acompanha o cotidiano, as dúvidas e a transformação dos apóstolos e de outras figuras que conviveram com Jesus. Essa abordagem permite explorar a humanidade dos personagens e mostrar como a mensagem cristã impactou pessoas comuns, constituindo-se como expressão característica de um Cristianismo militante contemporâneo, que busca reconquistar espaços na cultura popular. A recepção, entre cristãos de diferentes confissões religiosas, é amplamente positiva.

Dallas Jenkins enfatiza que o objetivo da série não é substituir a Bíblia, mas servir como ferramenta de aproximação. “Conhecer e amar Jesus” é a intenção central, mostrando um Cristo que ri, brinca, sente cansaço e tem senso de humor, removendo a “distância de vitral” que muitas produções épicas impunham. A proposta de humanização, segundo os criadores, busca tornar o Evangelho mais acessível às novas gerações sem comprometer a dimensão divina da figura de Jesus.

Culturalmente, a série é um grande símbolo do Cristianismo militante de nosso tempo, demonstrando capacidade de mobilização, financiamento coletivo e produção de conteúdo de qualidade profissional. Ela revitaliza a evangelização por meios midiáticos em uma sociedade cada vez mais secularizada, servindo como ponte entre tradição religiosa e linguagem contemporânea.

Livros

A pedagogia do acaso

A roleta gira. Sempre girará... O que não pode girar é o coração de uma sociedade. Civilizações não desmoronam por azar, mas quando renunciam a formar seus filhos e deixam o próprio destino à mercê da sorte.

Alecsandro A. de Souza*

Em *O Jogador*, publicado em 1866, Fiódor Dostoiévski não aposta apenas fichas sobre o pano verde; coloca a alma moderna sob julgamento. O romance não trata de dinheiro. Trata da soberania interior. Na roleta, não se arrisca apenas a fortuna – arrisca-se a dignidade.

Sob um olhar católico, o livro revela um fenômeno mais profundo que a compulsão individual: a substituição silenciosa da esperança pela estatística. A esperança é virtude teológica; orienta o desejo para um bem que não depende do acaso e confia na fidelidade de Deus, não na previsibilidade dos números. A estatística absolutizada reduz o futuro a uma probabilidade manipulável e instala a ilusão de controle.

Alexei Ivanovitch, preceptor russo culto e orgulhoso, vive em uma cidade fictícia de cassinos europeus, orbitando um general endividado. Não lhe falta apenas dinheiro; falta-lhe eixo. Deseja afirmar-se, provar que existe. A paixão por Polina – inteligente, ferida, ambígua – nasce desordenada: oferece a própria humilhação como prova de amor, pede ordens, aceita o ridículo. Confunde o dom com a submissão.

A tradição espiritual distingue amor e dependência. O amor eleva ambos; a dependência rebaixa a ambos. Quando a vontade abdica de sua estatura moral para obter reconhecimento, o afeto deixa de libertar e converte-se em cativo elegante.

A primeira grande sequência na roleta é reveladora. Alexei descreve a sensação de dominar o ritmo dos números, antecipar resultados, controlar o mecanismo. Tal é a lógica do vício: o sujeito crê governar aquilo que o governa. Não busca apenas o ganho; quer submeter o destino à própria vontade.

O *Catecismo da Igreja Católica* é sóbrio e preciso ao afirmar que os jogos de azar tornam-se moralmente inaceitáveis quando privam alguém do necessário ou geram dependência. O problema não é o entretenimento eventual, mas a servidão da vontade. Em Alexei, a derrota interior precede a financeira. Ele perde a hierarquia da alma antes de perder dinheiro.

A chegada da avó, Antonida Vasílievna, amplia o drama. Rica, aguardada como solução patrimonial, surge no cassino, aposta, perde, insiste, perde mais. A família vê dilapidar-se não apenas a fortuna, mas a própria expectativa de ordem. O pecado nunca é estritamente privado; sua desordem irradia.

Polina encarna outra forma de inquietação: oscila entre orgulho e humilhação, entre autonomia e dependência. Quando Alexei ganha vultosa soma e a oferece como redenção, ela recusa. O dinheiro não recompõe o que está ferido na raiz. Nenhuma quantia corrige uma desordem afetiva. A tradição cristã chama isso de conversão: mudança de direção do coração.

No epílogo está o ponto decisivo. Arruinado, mas lúcido, Alexei reconhece que poderia recomeçar – trabalhar, reconstruir-se, abandonar o jogo. Não quer. Não é ignorância, mas recusa. A liberdade não foi abolida; foi enfraquecida pelo hábito.

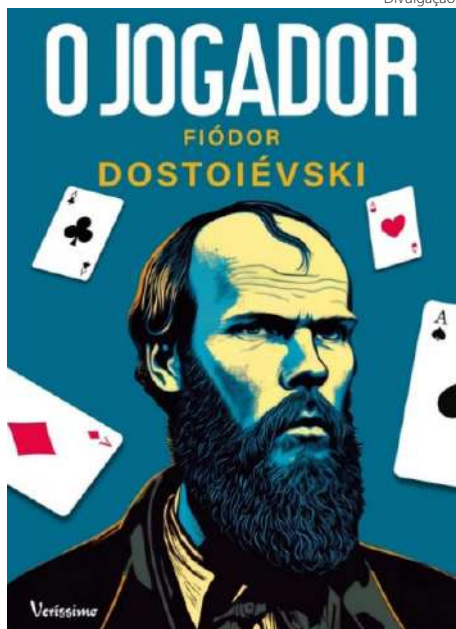
O Brasil das “bets” repete essa dramaturgia. Aplicativos prometem intensidade e ascensão súbita. A aposta deixa de ser lazer e vira narrativa de mobilidade. Não se vende apenas jogo; vende-se o mito do salto. Uma sociedade que normaliza o ganho instantâneo educa mal o desejo e enfraquece a cultura do esforço paciente. A questão não é moralismo, mas antropologia política: que homem formamos? No que se transforma a liberdade treinada para a vertigem do ganho imediato?

Como ensinava Santo Agostinho, o coração humano permanece inquieto enquanto não repousa em Deus. A inquietação é sinal de gran-

deza; privada de transcendência, degenera em ansiedade. O acaso oferece adrenalina, não oferece sentido. O vício promete autonomia; entrega dependência.

Entre Alexei e o apostador digital não há mera analogia literária; há identidade humana. Ambos enfrentam a mesma escolha: confiar no tempo – no trabalho, na disciplina, na fidelidade – ou entregar-se ao atalho da probabilidade. É nessa decisão silenciosa que se forma ou se corrói a liberdade.

*Administrador de empresas.



DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O jogador. Valinhos: Veríssimo, 2021.

No bairro do Ipiranga, praça homenageia o Padre José Marchetti, o ‘Pai dos Órfãos’

INAUGURAÇÃO OCORREU NO DOMINGO, 22, APÓS MISSA PRESIDIDA PELO CARDEAL ODILIO PEDRO SCHERER NA PARÓQUIA SÃO JOÃO BATISTA PRECURSOR E SÃO JOÃO BATISTA SCALABRINI

NATHALIA SANTOS
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A comunidade do bairro do Ipiranga, na zona Sul da capital paulista, celebrou, no domingo, 22, a inauguração da Praça Pe. José Marchetti, localizada junto à Rua Dr. Mário Vicente, nas proximidades do Instituto Cristóvão Colombo (ICC), fundado pelo sacerdote italiano em 1895. O ‘Mártir da Caridade’, como também é conhecido, faleceria um ano depois. Ele foi declarado venerável pela Igreja em 2016.

O monumento, composto de uma representação do Sacerdote e de uma criança, traz a inscrição “Pe. José Marchetti - Pai dos Órfãos”, e também é uma homenagem à espiritualidade Scalabriniana, que marcou profundamente a história do cuidado pastoral com migrantes e crianças em situação de vulnerabilidade no Brasil.

A inauguração ocorreu logo após a missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, na Paróquia São João Batista Precursor e São João Batista Scalabrini, na Região Ipiranga, tendo como concelebrantes Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga; Dom Algacir Munhak, CS, Bispo da Diocese de São Miguel Paulista; e os Padres Alexandre Biolchi, Superior Regional dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos); Antenor João Dalla Vecchia, Diretor do Instituto Cristóvão Colombo; e Antônio César Segnanfredo, Pároco e Vice-Postulador da Causa de Canonização do Venerável Padre Marchetti.

‘É IMPORTANTE QUE SEJA RECONHECIDO’

“Padre Marchetti se dedicou de corpo e alma aos imigrantes e crianças, foi um grande benfeitor para a cidade; assim, é importante que seja reco-



Praça Pe. José Marchetti é inaugurada no bairro do Ipiranga, na zona Sul, com a presença de clérigos, autoridades civis e crianças

nhcido, que seu nome esteja em nossas praças e ruas. Fico muito feliz com essa homenagem”, afirmou Dom Odilo ao inaugurar a praça.

Entre os participantes da solenidade estiveram o senhor Luís Felipe Miyabara, subprefeito do Ipiranga; o vereador George Hato; o inspetor superintendente Jairo Chabaribery Filho, comandante geral da Guarda Civil Metropolitana de São Paulo (GCM); a Irmã Leocádia Mezzomo, Vice-Postula-

dora da Causa de Canonização do Padre Marchetti; além de familiares do homenageado.

Durante o evento, houve apresentações musicais feitas pelas crianças do ICC e pelo corpo musical da GCM.

A praça está em uma área que permaneceu sem uso por muitos anos. A revitalização foi conduzida pela Subprefeitura do Ipiranga, em articulação com os Scalabrinianos e o apoio de emendas parlamentares.

Um coração voltado aos migrantes e órfãos

Padre José Marchetti (imagem ao lado) foi um sacerdote da Congregação dos Missionários de São Carlos (scalabrinianos), fundada por São João Batista Scalabrini, em um contexto de intensa migração italiana no final do século XIX.

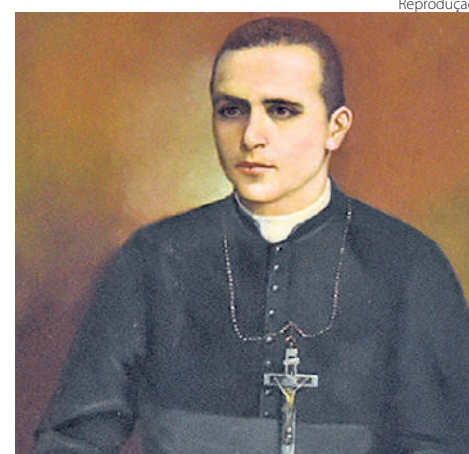
Sensível ao sofrimento das famílias migrantes, especialmente das crianças que ficavam órfãs durante as travessias ou em razão das condições precárias de trabalho de seus pais, o jovem Padre José Marchetti dedicou sua vida ao cuidado

dos mais vulneráveis. Ele testemunhou mortes durante viagens marítimas, o abandono de crianças e as condições desumanas enfrentadas por imigrantes.

Diante desse cenário, concebeu a criação de orfanatos como resposta concreta à dor que presenciava. Assim nasceram iniciativas no Ipiranga e na Vila Prudente para acolher centenas de crianças em situação de abandono. Sua missão foi marcada por coragem, fé e ação concreta. Mais do que assistir, ele estruturou caminhos de acolhida e pro-

teção, tornando os órfãos o centro da ação pastoral.

Padre Marchetti morreu com apenas 27 anos de idade, em 1896, ao contrair febre tifoide (tifo), enquanto cuidava de uma pessoa com essa enfermidade. Seu legado continua vivo por meio da atuação dos missionários Scalabrinianos, especialmente na cidade de São Paulo, com o trabalho em favor dos migrantes e comunidades, como o realizado pela Paróquia São João Batista Precursor e São João Batista Scalabrini. (NS)



Reprodução

Instituto Cristóvão Colombo: 130 anos de missão e cuidado

Fundado em 8 de dezembro de 1895, o Instituto Cristóvão Colombo nasceu a partir da preocupação do Padre José Marchetti em cuidar de crianças órfãs e em situação de vulnerabilidade.

Ao longo de seus 130 anos, a instituição consolidou-se como referência no atendimento social, mantendo um olhar sensível e atento às necessidades das novas

gerações.

Atualmente, o Instituto atende mais de 200 crianças, em sua maioria migrantes de famílias do Haiti, Angola e Venezuela, por meio de projetos socioeducativos, atividades de convivência, formação e fortalecimento de vínculos, contribuindo para o desenvolvimento integral dos atendidos.

“Cerca de 65% dessas crianças são

migrantes e nós cuidamos delas no âmbito do carisma e da espiritualidade que herdamos do nosso fundador, São João Scalabrini”, afirma, em entrevista ao **O SÃO PAULO**, o Padre Alexandre Biolchi, Superior Regional dos Missionários de São Carlos.

Também o Padre Antenor João Dalla Vecchia, Diretor do Instituto Cristóvão

Colombo, comenta sobre como o Venerável inspira as ações realizadas até hoje: “Todos os dias, nós nos perguntamos como o Padre Marchetti agiria diante do trabalho que fazemos aqui. Particularmente, eu acredito que sua voz ressoa em nós, dizendo para aceitar os desafios e dar uma atenção especial às crianças, adolescentes e famílias”. (NS)

BELÉM

Dom Cícero Alves de França realiza visita pastoral à Paróquia Nossa Senhora da Conceição



Pascom Paroquial

LUANA TOSTA DE MELO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Entre os dias 20 e 22, a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Tatuapé, Decanato São Lucas, recebeu a visita pastoral de Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém. Foram três dias intensos de oração, encontros e partilhas, marcados pela proximidade do pastor com o povo.

A programação teve início na sexta-feira, 20, com a missa penitencial às 5h. Ao longo do dia, o Bispo visitou o Residencial para Idosos Cora, as Irmãs Palotinas, o Lar Sírio Pró-Infância e o Colégio Amorim, além de enfermos em suas casas. Também se reuniu com o Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) e realizou a conferência dos livros paroquiais.

No sábado, 21, Dom Cícero Alves participou do curso de preparação para o Batismo, encontrou-se com as Irmãs Franciscanas da Ação Pastoral, visitou paroquianos e dialogou com as crianças

e adolescentes da Catequese, que lhe fizeram perguntas e apresentações musicais. À tarde, presidiu a missa com a participação de crianças e, à noite, abriu a Vigília dos Jovens Sarados, reunindo mais de 1,5 mil jovens. Houve ainda reunião com o Conselho Administrativo e Econômico Paroquial (Caep).

A missa de encerramento, no domingo, 22, coroou este “tempo de graça”, como definiu o Diácono Seminarista Leonardo Oliveira. Ele destacou que a visita expressou as “quatro proximidades”: com Deus, na oração; entre os ministros ordenados; com o Bispo, como pai e pastor; e com o povo, especialmente crianças, jovens, idosos e enfermos.

O Padre José Mário Ribeiro, Pároco, ressaltou a escuta atenta do Bispo aos grupos e pastorais, as visitas às escolas e obras sociais e a catequese na missa final, quando Dom Cícero, aludindo ao Evangelho do 5º Domingo da Quaresma (cf. Jo 11,1-45), convidou a comunidade a “sair para fora”, como Lázaro, renovando o ardor missionário.

Atos da Cúria

Reprodução



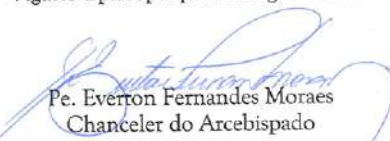
ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
CÚRIA METROPOLITANA
2026 - 280 ANOS DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO PAULO.

ATA DA BÊNÇÃO DO ALTAR, AMBÃO E CREDÊNCIA DA
“CAPELA DIVINO ESPÍRITO SANTO”, PARÓQUIA
DIVINO ESPÍRITO SANTO,
REGIÃO EPISCOPAL BELÉM DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

No ano da graça de Nosso Senhor de Jesus Cristo de 2026, às 20 horas do dia 23 de março, 5ª. Semana da Quaresma, em celebração eucarística presidida pelo Exmo. Revmo. Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar de São Paulo e Vigário Episcopal para a Região Belém, foi realizada a bênção do altar da “Capela Divino Espírito Santo”, situada no território da Paróquia Divino Espírito Santo e localizada na Rua Noite de Maio, 105, bairro Sapopemba, na cidade e Arquidiocese de São Paulo. O rito litúrgico foi celebrado conforme as prescrições do Ritual de Bênçãos. A celebração eucarística também contou com a participação fervorosa de numerosos fiéis. O Bispo agradeceu a todos os presentes pelo trabalho realizado e recomendou que esta Ata fosse transcrita integralmente no Livro Tombo da Paróquia. E para que o fato constasse, foi lavrada esta ata no dia 23 de março de 2025.



Dom Cícero Alves de França
Bispo Auxiliar de São Paulo
Vigário Episcopal para a Região Belém



Pe. Everton Fernandes Moraes
Chanceler do Arcebispado



Prot.: 466126

Av. Higienópolis, 890 - SÃO PAULO - CEP 01238-000
T. (+55 11) 3660 3700 - chancelaria@arquisp.org.br



Pascom paroquial

Na manhã da quinta-feira, 19, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São José do Maranhão**, Decanato São Lucas, por ocasião da festa do Padroeiro. Concelebraram os Padres Arlindo Teles Alves, Pároco, e Laurício José Pipper, Colaborador Paroquial. Ao longo do dia foram celebradas seis missas, reunindo centenas de fiéis.

(por Kaique Mazaia)



Pascom paroquial

Na tarde da quinta-feira, 19, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na festa do padroeiro da **Paróquia São José do Belém**, Decanato Santa Maria e São José. A Eucaristia foi concelebrada pelo Padre Marcelo Maróstica Quadro, Pároco. Ao longo do dia foram celebradas oito missas, marcando o ponto alto da 98ª edição da tradicional festa em honra ao Esposo da Virgem Maria.

(por Fernando Arthur)

Rádio 9 de Julho

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO DO SENHOR
Mistério da Nossa Redenção

PROGRAMAÇÃO ESPECIAL

06h | “Meditação da Via Sacra”
Comunicadores: Pe. Edmilson da Silva e Cleide Barbosa

07h | “O Servo Sofredor que salva o mundo”
Convidado: Dom Rogério Augusto das Neves
Comunicador: Pe. Edmilson da Silva

08h | “Do sofrimento à esperança: a mensagem da Sexta-feira Santa”
Convidado: Dom Odilo Pedro Scherer
Comunicador: Pe. Aberio Christe

09h | “Chamados a carregar a Cruz com Cristo”
Convidados: Dom Celso Alexandre e Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA
Comunicador: Cônego Cido Pereira

10h | “Experiência de Deus”
Comunicador: Pe. Reginaldo Manzotti

11h | “Pelas suas chagas fomos curados”
Convidado: Dom Edilson de Souza Silva
Comunicador: Pe. Aloizio José

12h | “Da cruz nasce um povo novo”
Convidado: Dom Carlos Silva, OFMCap
Comunicadores: Pe. Wagner Scarponi e Cleide Barbosa

13h | “O caminho da Cruz”
Convidado: Dom Carlos Lema Garcia
Comunicador: Pe. Lucas Gobbo

14h | “Com Maria, rumo à Redenção”
Comunicadora: Patrícia Diniz

15h | “Celebração da Paixão”
(Catedral da Sé)

17h | “O dia em que o Amor foi Ferido”
Especial São Judas Tadeu
Pe. André Luiz Alves, scj

18h | “História da Paixão”
Grupo Teatral Arte de Viver

19h | “Meditação da Via Sacra”
Comunicadores: Pe. Edmilson da Silva e Cleide Barbosa

20h | “Kairós, Tempo da Graça”
Comunicador: Paulo Miziara

21h30 | “Programa Brasileiro”
Comunicador: Silvoney José

22h | “Terço das Santas Chagas”
Comunicador: Pe. Reginaldo Manzotti

23h | “Todas as Nossas Senhoras”
Comunicador: Pe. Armênio Nogueira

ACOMPANHE PELO SITE:



OUÇA PELO APP:



LAPA

Na festa de São Patrício, Dom Carlos Lema destaca o santo padroeiro como exemplo de quem seguiu a Jesus

BENIGNO NAVEIRA
COLABORADOR DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO

Os fiéis da Paróquia São Patrício, no Rio Pequeno, Decanato São Bartolomeu, festejaram seu padroeiro, em uma novena entre os dias 8 e 16, com o tema “Com a couraça de São Patrício, fortalecidos na fé e protegidos no Senhor”. Houve momentos de adoração ao Santíssimo e missas presididas por padres convidados e por Dom Edilson de Souza Silva e Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispos Auxiliares da Arquidiocese.

No dia 15, houve a procissão com a imagem do Santo no andor pelas ruas do bairro, conduzida pelo Padre Orisvaldo Carvalho, Pároco.



Benigno Naveira

Na memória litúrgica do padroeiro, no dia 17, a missa solene foi presidida por Dom Carlos Lema Garcia, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Vigário Epis-

copal para a Educação e a Universidade, tendo como concelebrantes o Pároco e os Padres Felipe de Moraes, Colaborador da Paróquia, e Joaquim Crispim de Olivei-

ra, com assistência do Diácono Ronaldo Contin Della Nina.

Na homilia, Dom Carlos Lema enfatizou que São Patrício foi um grande santo, um missionário exemplar, que procurou, com fidelidade e amor, seguir a missão de Jesus Cristo. Destacou ainda que, como escravo, anunciou o Evangelho pela Irlanda e doou sua vida pregando a Palavra de Deus. O Santo explicava o mistério da Santíssima Trindade de uma maneira muito simples: ele pegava da relva um trevo, que tinha sua tríplice folha unida em uma única haste, e dizia que era um único Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Dom Edilson: ‘O silêncio de São José falava mais alto’

São José foi festejado em três paróquias e em uma comunidade dos decanatos da Região Lapa: na Paróquia São José, no Jaguaré; na Paróquia São José Operário, na Vila Ester, ambas do Decanato São Bartolomeu; na Paróquia São José, em Pirituba; e na Comunidade São José Operário, da Paróquia São João Batista, todas no Decanato São Simão.

Na quinta-feira, 19, dia do padroeiro, na Paróquia São José, em Pi-



Benigno Naveira

rituba, a missa foi presidida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, e concelebrada pelo Padre Messias de Moraes Ferreira, Pároco.

“Nós temos em São José um exemplo, um modelo, um homem que não gritava, fica em silêncio, e o seu silêncio falava mais alto”, ressaltou Dom Edilson. Ele refletiu que São José foi presente na vida de Maria e de Jesus, e se destacou pelo trabalho como carpinteiro, ensinando também sua profissão a Jesus. “São José é um homem de oração, um homem que se guiou pela fé, um homem aberto à vontade de Deus”, destacou o Bispo. (BN)



Leandro Marcondes

No sábado, 21, na **Paróquia Santo Antônio de Pádua**, no Jardim Bonfiglioli, Decanato São Bartolomeu, 25 jovens e adultos receberam o sacramento da Confirmação, em missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, concelebrada pelo Padre Ednilson Turozi de Oliveira, Pároco, com a assistência do Diácono Ronaldo Contin Della Nina. **(por Benigno Naveira)**

SÉ



Mateus Araújo

Na quinta-feira, 19, foi festejado o padroeiro da **Paróquia São José**, no Jardim Europa, Decanato São Tomé. A missa solene foi presidida por Dom Rogério Augusto das Neves e concelebrada por Dom Oswaldo Paulino, O.Praem, Pároco, e pelo Cônego Emmanuel Talabera, O.Praem. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé destacou a figura de São José como exemplo de pai e referência de homem. **(por Elaine Elias)**



Santuário São Francisco de Assis

Na sexta-feira, 21, a **Pastoral da Catequese do Santuário São Francisco de Assis**, Decanato São João Evangelista, promoveu um encontro de oração, formação e diálogo com pessoas em situação de rua atendidas pelo “Chá do Padre”, iniciativa do Sefras - Ação Social Franciscana. A atividade reuniu catequizandos, familiares e catecúmenos, em sintonia com o tema da Campanha da Fraternidade de 2026. Acompanhados pela educadora Paula Meneses Santos, quatro pessoas em situação de vulnerabilidade compartilharam suas experiências e desafios cotidianos. Durante o encontro, houve momentos de oração e formação conduzidos pelo Frei David Gaieta, OFM, integrante da equipe de catequistas. A atividade foi concluída com uma confraternização. **(por Pascom do Santuário São Francisco)**



Pastoral Familiar da Região Sé

No sábado, 21, agentes da **Pastoral Familiar da Região Sé** participam de formação na Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompeia, Decanato São João Evangelista. O encontro reuniu participantes de diversas paróquias, com o objetivo de promover um aprofundamento sobre como acolher, acompanhar, discernir e integrar as famílias nas paróquias. Participou o Padre Alessandro de Borbón, Assistente Eclesiástico da Pastoral Familiar. **(por Pastoral Familiar da Região Sé)**

Na sexta-feira, 27, o Decanato São João Evangelista promoverá uma via-sacra pelas ruas do centro histórico de São Paulo, com concentração às 19h, na Basílica Menor de Nossa Senhora da Conceição (Igreja de Santa Ifigênia), na qual se dará a primeira estação. As demais serão nos seguintes locais: Hotel São Paulo (2ª Estação), Viaduto Santa Ifigênia (3ª Estação), Mosteiro de São Bento (4ª Estação), Largo do Café (5ª Estação), Igreja Santo Antônio - Patriarca (6ª Estação), Igreja de São Francisco das Chagas (7ª Estação), Santuário São Francisco de Assis (8ª Estação), Largo do Patriarca (9ª Estação), sede da Prefeitura de São Paulo (10ª Estação), Viaduto do Chá (11ª Estação), Theatro Municipal (12ª Estação), Praça das Artes (13ª Estação) e Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (14ª Estação). **(por Redação)**

BRASILÂNDIA

Comissão do Testemunho e do Serviço da Caridade realiza assembleia regional

POR PASCOM PAROQUIAL

No sábado, 21, aconteceu a Assembleia da Comissão do Testemunho e do Serviço da Caridade da Região Brasilândia, realizada na Paróquia Nossa Senhora das Dores, em Taipas, Decanato Santa Isabel e São Zacarias. Participaram lideranças leigas, padres, diáconos e religiosas, que foram saudados, na abertura, pelo Padre Walter Merlugo Júnior, Pároco e Coordenador Regional de Pastoral. Na sequência, o Padre Erly Avelino Guillén Moscoso, Coordenador regional da Comissão, guiou os momen-

tos de espiritualidade, incentivando à perseverança para que os trabalhos deem bons frutos sociais e pastorais. Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, incentivou que todos sejam promotores da paz e nunca deixem de acreditar na vida, dando o testemunho cristão. Em um dos momentos mais marcantes, todos seguraram a cruz exposta em frente ao presbitério e reafirmaram o compromisso de seguir juntos no mesmo caminho, transformando os decanatos em espaços de acolhimento e cuidado com o próximo.



Julio Cesar dos Santos

Na quinta-feira, 19, os fiéis da **Paróquia São José, na Vila Palmeira**, Decanato São Pedro, celebraram seu padroeiro participando de três missas, a última solene, à noite, presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., tendo entre os concelebrantes os Padres Edemar de Souza, CSCh, Provincial da Congregação dos Padres Cavanis no Brasil; Jorge Luís de Oliveira, CSCh, Pároco; e Nelson Luiz Martins, CSCh, Vigário Paroquial, com a assistência do Diácono Paulo Roberto Oliveira. **(por Júlio Cesar dos Santos)**



Cida Lima

No dia 18, Dom Carlos Silva, OFMCap., presidiu missa na **Comunidade São José, da Paróquia Imaculado Coração de Maria**, Decanato São Filipe, no tríduo festivo do padroeiro. Concelebraram os Padres Antônio Cláudio, CRL, Pároco, e Evandro Marques, CRL, Vigário Paroquial. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia recordou que São José é guardião do lar e da vida, tendo sido fiel à missão de cuidar de Jesus e da Virgem Maria. **(por Karina Marta)**



Pascom da Paróquia Nossa Senhora das Dores



Letícia Amorim

Na manhã do domingo, 22, a **Comunidade Sagrada Família, pertencente à Paróquia São Luías Gonzaga**, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, completou 30 anos de fundação. A missa em ação de graças foi presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia. **(por Letícia Amorim)**



Pascom paroquial

Com o tema “São José: Guardião do Lar, Inspirador da Fraternidade e do Direito à Moradia”, os fiéis da **Capela São José, da Paróquia Nossa Senhora das Dores**, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, celebraram o padroeiro. Uma das missas do tríduo, no dia 18, foi presidida por Dom Carlos Silva, OFMCap. No dia do padroeiro, a Eucaristia foi presidida pelo Padre Walter Merlugo Júnior, Pároco. **(por Pascom paroquial)**

Entre os dias 13 e 15, aconteceu o I Seminário **TeenStar** Brasil sobre Sexualidade e Afetividade para Jovens e Adolescentes, na Casa de Formação Imaculada do Espírito Santo, da Aliança de Misericórdia, Decanato Santa Isabel e São Zacarias. A atividade foi conduzida por Fabia Azambuja, diretora executiva da **TeenStar** Brasil, que apresentou reflexões sobre a sexualidade e a afetividade como expressão da força do amor humano, destacando a importância da formação integral dos jovens. O encerramento foi com missa, presidida pelo Padre Luiz Fernando, missionário da Aliança de Misericórdia. **(por Diácono Denilson Zulianello)**

VICARIATO PARA A EDUCAÇÃO E A UNIVERSIDADE



Vicariato Episcopal para a Educação e a Universidade

No dia 15, Dom Carlos Lema Garcia, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade, presidiu missa por ocasião dos 98 anos do Colégio São Francisco Xavier (Sanfra), da Rede Jesuíta de Educação, no Ipiranga. A programação, que reuniu cerca de 3 mil pessoas, foi marcada por momentos de convivência, alegria e fé. A notícia completa por ser lida em <https://osaopaulo.org.br/sao-paulo>. **(Com informações do Vicariato Episcopal para a Educação e a Universidade)**

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital, fica convocado o(a) Sr.(a) **MÁRCIA MARIA BERNARDES DA SILVA**, com endereço desconhecido, para que compareça de terça a sexta-feira, das 13h às 16h, ao Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de São Paulo, sito na Av. Nazaré, 993 – Ipiranga – São Paulo – SP, para tratar de assuntos que lhe dizem respeito.
São Paulo, 25 de março de 2026.
Dom Rogério Augusto das Neves
Vigário Judicial

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Pelo presente edital, fica convocado o(a) Sr.(a) **MARIA BETÂNIA DE ARAUJO**, com endereço desconhecido, para que compareça de terça a sexta-feira, das 13h às 16h, ao Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de São Paulo, sito na Av. Nazaré, 993 – Ipiranga – São Paulo – SP, para tratar de assuntos que lhe dizem respeito.
São Paulo, 25 de março de 2026.
Dom Rogério Augusto das Neves
Vigário Judicial

IPIRANGA



Os fiéis da **Paróquia São José, na Vila Zelina**, Decanato São Marcos, festejaram, na quinta-feira, 19, o seu padroeiro. Foram celebradas seis missas, sendo a das 15h presidida por Dom Celso Alexandre, e concelebrada pelo Padre Fausto Marinho de Carvalho, Pároco. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga destacou a imensa devoção ao Santo: “Nunca se soube de algum devoto que, recorrendo à intercessão de São José, com fé, tenha deixado de ser atendido”. Ao longo do dia, houve bênção de automóveis, venda de bolos e barracas de comida.
(por Pascom paroquial)



No dia 18, Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, presidiu missa na **Paróquia Nossa Senhora de Lourdes**, Decanato São Mateus. Concelebraram os Padres Kauê Iago Ribeiro, OMV, Pároco; Gilberto Nobre dos Santos, OMV, Delegado da Congregação dos Oblatos de Maria Virgem no Brasil; Márcio Pinho, OMV, Vigário Paroquial; e Afonso Gorniak, OMV, com a assistência do Diácono José Mário Garcia Corral.
(por Diácono José Mário Garcia Corral)



Na quinta-feira, 19, os devotos e paroquianos da **Paróquia São José, no Ipiranga**, Decanato São Marcos, celebraram o padroeiro das famílias e artesãos, com festa social e dez missas ao longo do dia. A das 19h30 foi presidida por Dom Celso Alexandre e concelebrada pelo Padre Gilmar Souza da Silva, Pároco, com a assistência do Diácono Rogério Almeida Alves. Ao final da celebração, foi realizada uma procissão luminosa pelas ruas do bairro.
(por Pascom paroquial)



A **Pastoral do Dízimo da Região Ipiranga** realizou no sábado, 21, na sede regional, uma formação com o tema “Fé, Gratidão e Partilha”, a fim de aprofundar o sentido pastoral e teológico do Dízimo. Além dos coordenadores das equipes paroquiais do dízimo, participaram Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga; e os Padres Jorge Bernardes, Vigário-Geral Adjunto da Região; e José Maria Mohomed Júnior, Coordenador Regional de Pastoral.
(por Karen Eufrosino)



No sábado, 21, na **Paróquia São João Batista, na Vila Guarani**, Decanato São Mateus, em missa presidida por Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, foi realizada a bênção da nova capela do Santíssimo Sacramento. Concelebraram os Padres Antônio José Laureano de Souza, Pároco, e Wendel Quintino da Silva, SJS, Vigário Paroquial.
(por Pascom paroquial)

SANTANA



No domingo, 22, na **Paróquia São Domingos Sávio**, Decanato Santo Estêvão, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu a missa na qual 20 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma. Concelebrou o Padre Salvador Ruiz Armas, Pároco.
(por Denilson Rabelo)



No dia 18, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu a missa de encerramento da novena do padroeiro da **Paróquia São José Operário, na Vila Nova Galvão**, Decanato São Matias. “Somos Igreja quando vivemos a fé, quando marcamos presença e quando testemunhamos o amor de Deus no mundo”, destacou na homilia.
(por Mayara dos Anjos)



Na noite da quinta-feira, 19, foi concluída a festa do padroeiro da **Paróquia São José Operário, no Imirim**, Decanato São Judas Tadeu, com a missa presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana, e concelebrada pelo Padre Osvaldo Bisewski, Pároco.
(por Simone Arruda)



Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu missa na tarde da quinta-feira, 19, em honra ao padroeiro da **Paróquia São José Esposo da Virgem Maria**, Decanato São Tiago de Zebedeu. Concelebrou o Padre Manoel Clemente de Melo, MSJ, Pároco.
(por Fernando Fernandes)

CF 2026 – FRATERNIDADE E MORADIA

Na Ilha do Marajó, faltam habitações dignas e sobressai a arquitetura do descaso

REPORTAGEM DO O SÃO PAULO ESTEVE EM CHAVES E CONSTATOU QUE FAMÍLIAS SOBREVIVEM SOBRE PALAFITAS EM DECOMPOSIÇÃO E SOFREM COM O ISOLAMENTO GEOGRÁFICO E SEUS CUSTOS MATERIAIS E PSICOLÓGICOS

TATIANNIA PORTO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A tábua range sob o peso de cinco crianças, mas o som que realmente assusta Maria de Fátima não é o da madeira, é o da chuva. Em Chaves, no arquipélago do Marajó, estado do Pará, a “casa” é um organismo em suspensão que luta contra a gravidade sobre estacas de madeira apodrecida. Ali, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,453, um dos mais baixos do Brasil, não é um número estatístico, é o cheiro do esgoto que se mistura à lama sob o assoalho e a visão do horizonte onde o teto de ripas envelhecidas parece pedir licença para cair a cada temporal.

Quando a maré sobe ou o inverno amazônico castiga, a lama não apenas circunda as estacas: ela invade o espaço do descanso, ignorando a altura do assoalho. Enquanto a Campanha da Fraternidade de 2026 ecoa nas paróquias o lema “Ele veio morar entre nós”, em Chaves, o sagrado parece habitar o imprevisto.

A crise da moradia não se resolve com tijolos, que raramente chegam aos portos locais a preços justos. Trata-se de uma patologia do isolamento que mantém 69% da população em pobreza extrema. O direito constitucional à habitação é uma promessa que, como as águas barrentas do Rio Amazonas, passa, mas nunca fica.

CÔMODO ÚNICO: ONDE A INTIMIDADE É NAUFRÁGIO

A proposta lançada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre a moradia como “santuário da vida” encontra nestas palafitas um desafio teológico e social. A arquitetura da pobreza no Marajó desconhece o que a planta baixa de um projeto habitacional chamaria de “cômodos”. Ali, a casa se resume a um vão único de madeira porosa e impõe uma transparência forçada. Sem paredes internas, o casal, as crianças, o sono e a vida doméstica ocupam o mesmo quadrado de poucos metros. A privacidade, pilar da dignidade humana, é um artigo de luxo inacessível.

Nesse ecossistema de sobrevivência, a rede de dormir deixa de ser apenas um símbolo cultural de descanso para se tornar a única forma de repouso possível. É nela que três ou até quatro pessoas se comprimem para atravessar a noite. O conceito de “quarto”, basilar para a formação da individualidade e a proteção da infância, torna-se uma abstração diante



Famílias no arquipélago do Marajó, no Pará, vivem em habitações insalubres e precárias, sob o risco constante de inundações e desabamentos

da urgência de manter todos sob o mesmo teto. “A gente se ajeita como pode”, desabafa Maria de Fátima, mãe de 21 filhos, dos quais nove, entre adultos e crianças, moram com ela. A falta de divisórias não é uma escolha de convivência, mas uma sequela da exclusão habitacional que vulnerabiliza os mais jovens, expondo-os precocemente à complexidade da vida adulta.

EROSÃO DO TEMPO

Para compreender a casa de Maria de Fátima é preciso entender Chaves. Conhecida historicamente como uma cidade plana, de ventos constantes, o município paraense enfrenta uma batalha perdida contra a geografia. Chaves fica na “costa de fora”, onde o Rio Amazonas se funde com o Oceano Atlântico em uma dança de marés brutais. Nos últimos anos, a erosão costeira, o fenômeno das “terras caídas”, tem redesenhado o mapa da cidade.

Onde antes havia ruas, hoje há passarelas de madeira. O avanço das águas empurra as famílias para áreas cada vez mais baixas e alagadiças. Para quem vive nessas zonas de várzea, o solo é uma entidade instável. A lama, que em Chaves ganha uma consistência de argila pesada, não é apenas o chão: é o destino. Ela engole as estacas de madeira que deveriam durar décadas, mas que apodrecem

em cinco anos sob a acidez do ambiente e o descaso do saneamento.

O DIAGNÓSTICO DA LAMA

A crise sanitária no Marajó é uma extensão direta da crise habitacional. Onde a moradia falha em isolar o morador do ambiente insalubre, o corpo se torna o depósito das negligências públicas. Nas crianças marajoaras, a saúde se lê nas pernas. As dermatites e as infecções fúngicas são tatuagens do descaso, frutos do contato inevitável com a lama.

A Campanha da Fraternidade aponta que a falta de uma “casa saudável” é uma forma de violência silenciosa. Para a Igreja, o cuidado com a saúde é indissociável do cuidado com o habitat. No contexto de Chaves, a dignidade da pessoa humana é ferida cada vez que uma mãe precisa escolher entre comprar um quilo de feijão ou mais um sarrafo para remendar o piso. A rotina de “suspender a vida” recomeça sempre que as águas caem ininterruptas. O terreno, saturado, não absorve mais nada. Ele devolve uma lama densa que engole as bases da casa.

Os sacos de farinha, o ouro amarelo da dieta marajoara, são os primeiros a ganhar o topo de caixotes improvisados. Depois vêm as roupas, o rádio a pilha e o caderno escolar. A casa se torna um arquipélago interno, no qual cada móvel é uma ilha

seca cercada pelo avanço da umidade. Esse estado de vigília permanente cobra um preço que os remédios do posto de saúde raramente alcançam: o esgotamento mental de quem nunca pode baixar a guarda para o próprio chão.

FISIOLOGIA DO IMPROVISO

Onde não existe encanamento, o banheiro é uma estrutura satélite, apartada do corpo principal da habitação. São pequenos quadrados de quatro ripas de madeira, erguidos sobre o lodo e acessados por passarelas instáveis, com um buraco aberto diretamente sobre o solo. Ali, o banheiro não é um cômodo de asseio, mas um dispositivo de descarte. O banho segue a mesma lógica: feito a baldes, é uma operação de racionamento. Cada litro de água utilizado exige um esforço físico prévio de transporte do rio até os reservatórios domésticos.

A água que limpa o corpo é a mesma usada para cozinhar. Sem rede de abastecimento, a fonte é a água barrenta do Rio Amazonas, uma massa densa que carrega os sedimentos da floresta e os resíduos de embarcações. Para torná-la minimamente aceitável, a população recorre ao hipoclorito de sódio. O agente químico, despejado nos baldes, atua como um decantador improvisado; depois, essa água “tratada” é despejada nos filtros para consumo.

Para quem vem de fora, a ingestão dessa mistura é um gatilho imediato para vômitos e diarreias. Já para Maria e seus filhos, o organismo estabeleceu uma trégua forçada com a química: o estômago não se rebela mais com a mesma violência, mas o acúmulo de metais agride silenciosamente o sistema digestório, uma conta que a biologia marajoara cobra com o tempo.

A ECONOMIA DO ISOLAMENTO

Em Chaves, a matemática da sobrevivência esbarra em uma variável implacável: o frete. Para Maria de Fátima, o sonho da alvenaria, com tijolos que não apodrecem e cimento que sela a umidade, morre na beira do trapiche. O isolamento geográfico, banhado por águas que dificultam o acesso de grandes embarcações, cria uma inflação particular. Um saco de cimento, ao navegar de Belém, capital paraense, até as ilhas, pode ter seu preço duplicado pelo custo do diesel e pela logística de transbordo manual.

Essa economia do isolamento torna qualquer reparo estrutural um luxo elitista. Quando uma estaca de madeira cede sob a palafita, o custo para substituí-la compete diretamente com o prato de comida. É um ciclo autossustentável de pobreza, no qual a renda da pesca e da venda do açaí são insuficientes para vencer a barreira logística, condenando as famílias a remendos perpétuos em estruturas que o tempo já reclamou.

‘ELE VEIO MORAR ENTRE NÓS’

A Campanha da Fraternidade de 2026 convoca a romper esse ciclo, mas a solução não reside apenas na importação de modelos urbanos. O debate proposto pela CNBB abre caminho para a arquitetura ribeirinha sustentável. Morar com dignidade no Marajó significa abraçar a sabedoria ancestral das águas com o suporte da tecnologia: madeira cer-



tificada, captação de água da chuva e energia solar. A habitação na Amazônia exige subsídios logísticos e respeito à cultura das águas.

Ao final do dia, enquanto o sol se põe sobre o horizonte imenso de Chaves, Maria de Fátima observa suas crianças dividindo o espaço seco que restou. A matéria da vida dela é feita de resistência, mas a resistência tem um limite de fadiga, assim como a madeira de suas estacas.

A precariedade habitacional em Chaves apresenta-se menos como

um fatalismo geográfico e mais como um resultado de métricas de investimento que não alcançam a todos. Ao propor o lema “Ele veio morar entre nós”, a Campanha da Fraternidade de 2026 desloca o olhar do debate técnico para o campo da ética social, sugerindo que a ausência de um teto digno é a face visível de uma exclusão mais profunda e que Cristo continua ocupando as “estrebarias modernas”, nas quais a dignidade humana não é o fundamento da construção, mas uma ausência documentada.

Fotos: Rudy Veiga

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

Diariamente, no site do jornal **O SÃO PAULO**, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Leão XIV autoriza a promulgação de decretos de 6 novos veneráveis da Igreja
<https://curt.link/ThgqV>

Papa: a Igreja, como comunhão dos fiéis, não pode errar na fé
<https://curt.link/oZOqn>

Terra Santa: Cardeal Pizzaballa anuncia Dia de Oração pela Paz e mudanças na Semana Santa
<https://curt.link/mbcCC>

Especialistas alertam para alto consumo de água por data centers
<https://curt.link/VDBwK>

Em sessão solene na Câmara é destacada a CF 2026 e a urgência de moradia digna
<https://curt.link/ZhKVc>

O que é a esperança cristã?
<https://curt.link/XSwwx>

Declaração do Imposto de Renda 2026 já pode ser enviada
<https://curt.link/KreaV>

Um proposta de gesto concreto da Campanha da Fraternidade: ‘Em cada paróquia, um mutirão por moradia’
<https://curt.link/BZIZh>

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você .com.br

Loja Senador

R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino

R. Quintino Bocaiuva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

Loja Santos

R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

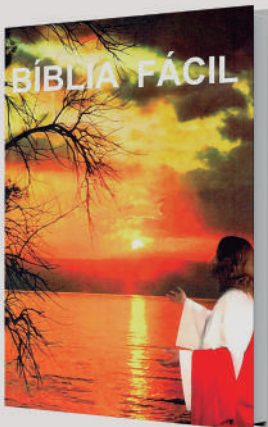
Loja Campinas

R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

A LIVRARIA MAIS COMPLETA DO BRASIL EM
LIVROS E ARTIGOS CATÓLICOS



MINHA PRIMEIRA BÍBLIA
De: R\$ 84,90
POR: R\$ 67,90



BÍBLIA FÁCIL
De: R\$ 59,00
POR: R\$ 50,15



RETIRO QUARESMA 2026
De: R\$ 24,00
POR: R\$ 21,60



ORAÇÕES SELECIONADAS
De: R\$ 26,90
POR: R\$ 21,50

Mais de um milhão
de cópias vendidas

Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br



Uma viagem virtual de São Paulo à Catedral de Notre-Dame de Paris

EXPOSIÇÃO IMERSIVA
RECORDA OS MAIS
DE OITO SÉCULOS DE
HISTÓRIA DO TEMPLO
FRANCÊS, INCLUINDO
O INCÊNDIO DE 2019
E A GRANDIOSIDADE
ARQUITETÔNICA QUE
O TORNOU UM DOS
MONUMENTOS MAIS
VISITADOS DO MUNDO

JENNIFFER SILVA
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

No coração da Avenida Paulista, ao colocarem os óculos de realidade virtual, os visitantes se veem a poucos passos da Catedral de Notre-Dame. Erguida no século XII, a construção tornou-se um dos principais símbolos da devoção cristã na França ao longo dos anos.

A experiência imersiva *Notre-Dame de Paris – Sagrada e Eterna*, que estreou no Shopping Cidade São Paulo no sábado, 21, propõe ao público uma jornada por mais de oito séculos da trajetória de uma das igrejas mais visitadas do mundo, a Catedral de Notre-Dame.

Com duração de 45 minutos, a visita conduz o público a uma viagem no tempo que se inicia por um dos momentos mais marcantes dessa trajetória: o incêndio que atingiu o templo em 2019.

A abertura oficial da exposição foi realizada na quinta-feira, 19, para convidados, entre os quais o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano.

FOMENTAR A CULTURA

A exposição imersiva utiliza a realidade virtual como ponte entre o público brasileiro e o templo sagrado, com o objetivo de ampliar o acesso à cultura por meio da tecnologia.

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, Emmanuelle Boudier, co-diretora da produtora Bonfilm, responsável pela mostra, afirma que o uso dessas ferramentas digitais permite que as pessoas conheçam diferentes partes do mundo sem a necessidade de realizar grandes viagens.



Inauguração da exposição no Shopping Cidade de São Paulo, a respeito do tradicional templo francês, tem a presença do Cardeal Odilo Pedro Scherer



Segundo ela, a proposta da mostra vai além do entretenimento, sendo também uma oportunidade de acesso a conteúdos culturais e históricos. A experiência dedicada à Catedral de Notre-Dame integra um conjunto de produções que abordam diferentes períodos e patrimônios da humanidade.

Durante todo o percurso, o visitante acompanha explicações sobre a história de cada ala visitada e o contexto da época de sua construção. O caráter educativo da exposição é resultado, conforme explicado por Emmanuelle, de um trabalho desenvolvido por arquitetos e historiadores especializados no tema.

SENTIR-SE EM NOTRE-DAME

Além do conteúdo informativo, a experiência também busca provocar um impacto sensorial e emocional. Um momento destacado por Emmanuelle ocorre quando o visitante alcança áreas normalmente inacessíveis da Catedral, com a sensação de estar a cerca de 69 metros de altura.

Além disso, ela ressalta que a vivência não se limita ao público religioso, mas que toda a beleza presente na exposição suscita reflexões sobre a forma como cada pessoa vivencia a própria espiritualidade.

TECNOLOGIA QUE APROXIMA

A experiência imersiva tem atraído um público diverso. Ao concluir o percurso de 45 minutos, a percepção de encantamento é comum entre os visitantes.

Para a professora e gestora cultural Doris Larizzatti, 58, a atividade ganha

ainda mais significado por dialogar com uma vivência anterior. Ela, que teve a oportunidade de visitar a Catedral de Notre-Dame presencialmente, contou ter se impressionado com a fidelidade dos detalhes, afirmando que é como se estivesse novamente no templo francês.

A Irmã Aparecida Rodrigues, da Congregação Filhas de São Camilo, afirmou ter se surpreendido com a intensidade da vivência. Para ela, o percurso vai além do conhecimento histórico e contribui para o fortalecimento da fé.

“É uma experiência que enriquece a nossa espiritualidade pelos detalhes, pessoas, culturas ali dentro deste espaço. É muito profunda e enriquecedora, tanto para nossa espiritualidade quanto para nossa cultura”, frisou a Religiosa.

Entre os mais jovens, a percepção também é positiva, especialmente em relação à qualidade narrativa e técnica da exposição. A radialista Júlia Peroni, 19, comparou a experiência a outras iniciativas em realidade virtual, recordando que, em algumas exposições desse tipo, o tempo médio de duração gira em torno de 15 minutos.

Para ela, a visita de 45 minutos permitiu que as explicações fossem mais detalhadas, destacando ainda o impacto da ambientação sonora e da construção narrativa: “A sonoplastia e o *storytelling* que foi criado introduziram e emocionaram bastante. Parecia que estávamos vivendo aquilo realmente”.

A CATEDRAL DE NOTRE-DAME

A Catedral de Notre-Dame foi erguida no contexto de consolidação

do Cristianismo na França, ainda na Idade Média.

Construída no século XII, durante o crescimento de Paris como centro religioso, intelectual e comercial, a Catedral foi idealizada para atender ao aumento do fluxo de fiéis, impulsionado por peregrinações e cruzadas. Ao longo dos séculos, passou por transformações arquitetônicas e se tornou uma referência da arte religiosa europeia, além de cenário de importantes acontecimentos históricos, como a chegada das relíquias da Paixão de Cristo trazidas por Luís IX, da França, no século XIII.

Após danos provocados pela Revolução Francesa, a Catedral foi restaurada no século XIX, em meio ao resgate de sua importância cultural, impulsionado pela obra *O Corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo.

Reconhecida como Patrimônio Mundial pela Unesco, em 1991, tornou-se um dos monumentos mais visitados da França.

Em 2019, um incêndio de grandes proporções destruiu parte de sua estrutura, levando ao início de um amplo projeto de restauração.

**VISITE A EXPOSIÇÃO
NOTRE-DAME DE PARIS –
SAGRADA E ETERNA**

Espaço Cultural CNP de Realidade Virtual. Shopping Cidade São Paulo (2º subsolo).
Avenida Paulista, 1.230, Bela Vista
Valor: R\$ 58 a R\$ 98 (inteiras).
Saiba mais detalhes em: feverup.com.

O MELHOR SISTEMA DE GESTÃO ECLESIAL DO BRASIL- 1987

Fortalecendo dioceses, paróquias e comunidades.

SOLUÇÕES ECLESIAIS

Financeiro
Controle Financeiro por centro de custos

Contábil
ECD, ECF

Folha de pagamento
EFD-Reinf

Gestão de Eventos
Sistema para eventos, quermesses, festas juninas etc

Orgdom
APP diocesano e paroquial

OrgSmart
Captura de notas fiscais eletrônicas

Conciliação bancária eletrônica

Gestão pastoral, chancelaria, controle patrimonial e tribunal

ENTRE EM CONTATO

www.orgeclesial.com.br
reinaldo@orgeclesial.com.br
Orgeclesial
@orgeclesial

Ecritório Franco
Rua Minas Gerais, 2041, Vila Aparecida, Franco SP
16 99275-1899
16 2103-6166

Ecritório São Paulo
Av. Paulista, 765, 7 Andar, Bela Vista, São Paulo SP
16 99266-8613
11 2450-7344

Nicarágua

Governo proíbe ordenações em 4 dioceses

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

O regime do presidente Daniel Ortega e de sua esposa e vice-presidente Rosario Murillo implementou a proibição de ordenações de sacerdotes e diáconos no início de março, o que afetou as Dioceses de Jinotega, Siuna, Matagalpa e Estelí, cujos bispos estão exilados.

A medida foi imposta semanas depois da ordenação secreta de dois seminaristas nicaraguenses na Costa Rica. Em 7 de fevereiro, Dom Javier Gerardo Román Arias, Bispo de Limón, na Costa Rica, ordenou os seminaristas em uma liturgia à qual suas famílias não compareceram por medo de represálias políticas.

O diário nicaraguense *Mosaico CSI* publicou trechos da homilia pregada durante a liturgia de ordenação pelo Bispo de Limón.

“Vocês chegam a este ponto com uma história marcada pela cruz. Não deixaram seu país por escolha própria, mas por fidelidade. E hoje serão ordenados longe de suas famílias, sem o abraço de seu povo, em uma cerimônia discreta,

quase secreta. Mas nada disso é estéril. Pelo contrário: esta ordenação vivida em silêncio já é um poderoso testemunho de fé, porque proclama que a vocação não depende das circunstâncias, mas da fidelidade de Deus”, disse Dom Javier aos ordenandos.

O Bispo costa-riquenho acrescentou: “Não estamos aqui para celebrar um evento humano, mas para testemunhar uma obra de Deus que não é detida por fronteiras, nem extinta pela perseguição, nem interrompida pelo exílio. Hoje, a Igreja reza em silêncio, porque sabe que, quando Deus chama, até o silêncio se torna frutífero.”

Martha Patricia Molina, autora do relatório “Nicarágua: uma Igreja perseguida”, afirmou: “O drama humano se concentra nos seminários. Dezenas de jovens que concluíram com sucesso seus estudos em Filosofia, Teologia e formação pastoral se encontram em um limbo jurídico e espiritual. Eles possuem aptidão e vocação, mas não podem receber o sacramento [da Ordem]”.

Ela afirmou que o impacto da proibição de Ortega às ordenações sacerdo-

tais e diaconais em quatro dioceses foi “alarmante”.

A Diocese de Matagalpa está “atualmente operando com apenas cerca de 30% de seu clero ativo. Sete em cada dez padres foram forçados ao exílio ou ao banimento”, explicou Martha.

Ela acrescentou que as Dioceses de Estelí e Jinotega “sofreram reduções de até 50% na sua capacidade pastoral, deixando comunidades inteiras sem a celebração regular da Eucaristia”.

Em novembro de 2024, Dom Carlos Herrera, Bispo de Jinotega e Presidente da Conferência Episcopal da Nicarágua, foi expulso do país após criticar um prefeito pró-Ortega que havia tocado música alta em frente a uma igreja em que ele presidia a missa.

Meses antes, Dom Carlos havia ordenado um sacerdote e sete diáconos na vizinha Diocese de Matagalpa, cujo Bispo, Dom Rolando Álvarez, fora deportado para Roma em janeiro de 2024, após 18 meses de detenção. Dom Rolando também foi administrador apostólico da Diocese de Estelí.

Fonte: The Tablet

Escócia

Parlamentares rejeitam a eutanásia após mais de 15 anos de tentativas legislativas

O Parlamento escocês rejeitou, no dia 17, um projeto de lei que buscava legalizar a eutanásia para adultos com doenças terminais. Após um intenso debate de mais de duas horas na Câmara de Holyrood, o projeto foi derrotado por 69 votos a 57, quando precisava de pelo menos 64 votos para ser aprovado. A decisão representa um revés significativo para as tentativas de implementar a chamada “assistência médica para morrer” na Escócia.

Os opositores da proposta, intitulada “Morte Assistida para Adultos com Doenças Terminais”, argumentaram que ela carecia de salvaguardas suficientes, aler-

tando que pessoas vulneráveis poderiam ser pressionadas a tirar a própria vida.

A questão da eutanásia não é nova no Parlamento escocês. Além do projeto de lei rejeitado na semana passada, em 2010 e em 2015 outras propostas foram votadas e derrotadas pelos parlamentares.

O debate escocês faz parte de uma tendência internacional de expansão da legislação a favor da eutanásia. Países como Canadá, Austrália e Nova Zelândia já legalizaram diversas formas da prática. No Reino Unido, um projeto de lei para legalizar a eutanásia na Inglaterra e no País de Gales está atualmente parado na

Câmara dos Lordes devido a um grande número de emendas.

Na França, um projeto de lei para legalizar a eutanásia também está gerando intensa controvérsia: a Igreja Católica adotou uma posição firme e aberta contra ele. Os bispos denunciaram o que chamam de “falsa fraternidade”, enfatizando que a verdadeira solidariedade consiste em acompanhar aqueles que sofrem, não em causar sua morte, e ressaltando a sacralidade da vida humana e a necessidade de desenvolver cuidados paliativos até o fim natural da vida. (JFF)

Fonte: InfoCatólica

Estados Unidos

País despencou no *ranking* mundial da democracia

Pela primeira vez na história, os Estados Unidos se tornaram menos democráticos do que o Brasil. É o que avaliou o Instituto V-Dem, ligado à Universidade de Gotemburgo, na Suécia, cujo mais recente relatório informa que “a liberdade de expressão nos Estados Unidos está agora em seu nível mais baixo desde a Segunda Guerra Mundial”.

Entre 2024 e 2025, o governo de Donald Trump promoveu o maior declínio no índice de democracias liberais da história recente, segundo os pesquisadores. Os Estados Unidos despencaram 24%, caindo 27 posições entre os 179 países avaliados, ocupando atualmente a 51ª posição do *ranking*. O nível de democracia no país é hoje equivalente a 1965. Até aquele ano, pessoas negras poderiam ser impedidas de votar. O último relatório da democracia do Instituto revela que, enquanto o Brasil vem se tornando modelo de democratização (ocupando a 28ª posição na lista), os Estados Unidos ficaram

mais autocráticos nos últimos dois anos.

O Instituto combina mais de 600 indicadores, fornecidos por uma rede de 4 mil pesquisadores, em 202 países e territórios. Com isso, eles elaboram um índice de democracia, com seis grandes escalas: autocracia fechada, autocracia eleitoral, autocracia na zona cinza, democracia na zona cinza, democracia eleitoral e democracia liberal.

Brasil e Estados Unidos se encaixam hoje em democracias eleitorais, ou seja, baseadas em eleições livres, porém sem tanta proteção a direitos civis e controle do poder quanto às democracias liberais. Por outro lado, 44 países (cerca de um quarto das nações de todo o globo) se encaixam na definição de uma autocracia.

Os dez países mais bem avaliados pelo Instituto no que diz respeito à democracia liberal são: Dinamarca, Suécia, Noruega, Suíça, Estônia, Irlanda, Costa Rica, Finlândia, França e Bélgica.

Outros países que também deixaram

a lista das democracias liberais recentemente foram Portugal e Reino Unido. Nos Estados Unidos, a queda se deve principalmente à concentração de poder do Executivo, ataques a direitos humanos, como as ações na Venezuela e anti-imigração, e a redução da liberdade de expressão e imprensa (os índices mais baixos dos últimos 60 anos), com o silenciamento de veículos e escritórios de advocacia críticos a Donald Trump.

Na América do Sul, somente Uruguai (13º) e Chile (16º) são considerados democracias liberais, uma exceção à regra, uma vez que três entre quatro pessoas no mundo vivem hoje em autocracias (74% da população mundial, cerca de 6 bilhões de pessoas) e somente 7% em democracias plenas (em torno de 600 milhões de pessoas).

A tendência é um aumento da regra, com cada vez mais países se tornando autocráticos e menos se democratizando. (JFF)

Fontes: Deutsche Welle e Instituto V-Dem

Liturgia e Vida

DOMINGO DE RAMOS

29 DE MARÇO DE 2026

‘A responsabilidade é vossa!’

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

No Domingo de Ramos da Paixão, celebramos a entrada de Cristo em Jerusalém rumo à Sua morte de Cruz. Ao lado da Sexta-feira Santa, esta é uma das ocasiões em que a Igreja lê a narrativa completa da Paixão. Montado sobre um burrinho, Jesus é recebido festivamente como verdadeiro Rei de Israel. Pouco depois, no entanto, será este mesmo o motivo de Sua condenação, tal como inscrito no Madeiro: “Este é Jesus, o Rei dos Judeus” (Mt 27,37).

São Mateus descreve certas particularidades do encontro de Jesus com Pilatos, o governador da Judeia que tinha poder para condenar ou soltar o Senhor. A Providência divina deu a tal homem o encargo de julgar sobre a terra Aquele que julgará o mundo inteiro. Pilatos, porém, decidiu mal e contra a própria consciência. Não quis assumir o ônus implicado pelo poder que Deus lhe conferira. No momento de pôr em jogo a reputação pessoal, preferiu “passar” o poder ao povo. Não o fez por ser um “democrata”, mas por ser fraco. Não compreendia que todo ‘poder’ comporta muito mais exigências morais do que benesses. No momento de assumi-las, disse cinicamente: “Estou inocente deste sangue. A responsabilidade é vossa” (Mt 27,24).

Antes, havia perguntado: “Mas que mal Ele fez?” (Mt 27,23). Pilatos tentava a todo custo libertar Jesus, pois sua esposa lhe avisara: “Não te envolvas com esse Justo, pois muito sofri hoje em sonho por causa Dele” (Mt 27,19). Intuíra que estava diante de um homem de Deus. Tanto que, ao ver o silêncio de Cristo diante de tantas acusações infundadas, “ficou muito impressionado” (Mt 27,14). Pilatos, porém, falhou. O amor por si mesmo foi maior do que o amor pela verdade. Condenou Aquele que é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6) por meio de uma pergunta cínica – “Mas, o que é a verdade?” (Jo 18,38) – e lavou as mãos.

Ademais, Pilatos sabia que haviam entregue Jesus “por inveja” (cf. Mt 27,18). Não se tratava apenas de discordâncias “teológicas” ou “morais”. Estas eram uma fachada para a inveja que, no fundo, os fariseus, sacerdotes e escribas tinham de Nosso Senhor. Esse sentimento mesquinho pode se manifestar camuflado de muitos modos: como antipatias, maledicências, ironias e críticas aguçadas. É um vício sutil e perigoso. A inveja cegou os olhos de muitos para os milagres e ensinamentos de Cristo e os levou a retribuir com ódio e com homicídio o bem que Jesus sempre praticou.

Depois da última tentativa infrutífera de libertar o Senhor, a multidão, enfim, comandou a Pilatos: “Que o Sangue Dele caia sobre nós e sobre os nossos filhos” (Mt 27,25). Eis a escolha da ‘maioria’: o homicídio, o Deicídio. Trocou-se Deus por um bandido! Quanto mal uma escolha superficial pode comportar! Mas, por bondade de Deus, esse Sangue tornar-se-ia instrumento de salvação, não de castigo. Em meio às covardias e injustiças dos homens, Deus realiza – apesar de nós – a Sua obra de Salvação. Acreditemos em Cristo! Ele é a única salvação, Nele está a única esperança!

Mônaco se prepara para acolher o Papa pela primeira vez

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

Às vésperas do início da Semana Santa, o Papa Leão XIV planeja sua viagem para o principado de Mônaco, uma pequena cidade-Estado soberana situada na costa da França. É a primeira vez que um Pontífice realiza essa viagem, que durará apenas um dia: o Santo Padre parte às 7h do sábado, 28, e retorna a Roma por volta das 20h do mesmo dia.

O país, que abriga menos de 40 mil pessoas, tem o catolicismo como religião de Estado. Historicamente, outros papas se aproximaram bastante de Mônaco, mas não houve uma visita formal ao território.

“É um evento histórico e sem precedentes, que chega, de certo modo, inesperado”, disse o Arcebispo Dominique-Marie David ao jornal católico italiano *Avvenire*. Além de ser recebido pelo Príncipe Alberto II, o Papa encontrará a comunidade católica local e presidirá a celebração da Eucaristia no Estádio Luís II.

“A partir daqui, o Papa nos abrirá os

olhos e o coração para as tragédias que nos cercam”, afirmou o Arcebispo de Mônaco. “Aliás, o príncipe Alberto II está muito empenhado na promoção da justiça e da paz. E Mônaco já nos convida a viver a solidariedade para com aqueles que sofrem devido à violência e às hostilidades. Imagino, portanto, que esse possa ser um dos temas em pauta.”

O tema da viagem, a terceira do ainda novo pontificado, é “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). “Se o catolicismo é a religião do Estado, ele tem o dever de inspirar, orientar e apoiar nosso povo, nossa legislação e nossas escolhas éticas”, declarou Dom Dominique-Marie. “Estamos plenamente conscientes de que não basta invocar princípios, mas é preciso explicar que a Igreja não é contra a vida, mas a favor dela e da dignidade humana, e que seu ensinamento visa ao bem do ser humano”, complementou.

O Arcebispo disse ao *Vatican News* que, embora Mônaco seja um país rico, ali existem muitas “pobrezas escondidas”, como, por exemplo, entre os migrantes provenientes de 150 nacionalidades.



Bispos convocados a Roma para recordar o documento *Amoris laetitia*

Rememorando o décimo aniversário da exortação pós-sinodal *Amoris laetitia*, do Papa Francisco, Leão XIV publicou uma mensagem dizendo que o documento deve ser celebrado e es-

tudado. Também afirmou que é preciso fortalecer as famílias, “fundamento da sociedade”, como ensina o Concílio Vaticano II.

Nesse sentido, o Papa Leão XIV con-

vocou os presidentes de todas as conferências episcopais do mundo a se reunirem em Roma em outubro de 2026.

O objetivo é “proceder, na escuta recíproca, a um discernimento sinodal

sobre os passos a dar na transmissão do Evangelho às famílias de hoje, à luz da *Amoris laetitia* e levando em conta o que se está a realizar nas Igrejas locais”. (FD)

Leão XIV defende Igreja ‘com rosto amazônico’

Dirigindo-se aos representantes da Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama), o Papa Leão XIV publicou, no dia 17, um vídeo defendendo a “inculturação da fé” e o desenvolvimento de uma “Igreja com rosto amazônico”. A

mensagem foi enviada à VI Assembleia Geral da Ceama, realizada entre 16 e 20 de março, em Bogotá, na Colômbia.

“Certamente, o contexto atual exige uma resposta adequada aos inúmeros desafios sociais, ambientais, culturais

e eclesiais que persistem na Amazônia, ameaçada por situações de abuso e exploração”, completou o Pontífice, afirmando que a Igreja é chamada a ser portadora das “bem-aventuranças”, uma voz profética em toda a região.

É preciso “proclamar o *kerygma* e a vida nova em Cristo, acompanhar aqueles que sofrem, zelar pela criação e pelo respeito à vida em todas as suas formas, especialmente a vida humana”, disse. (FD)

Novo apelo do Pontífice pela paz

Na oração do *Angelus* do domingo, 22, o Papa Leão XIV afirmou que acompanha “com consternação a situação no Médio Oriente, bem como em outras regiões do mundo devastadas pela guerra e pela violência”. Ele tem falado em todos

os domingos sobre a crise bélica e militar que tem ceifado milhares de vidas, em especial após os recentes ataques dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã.

“Não podemos permanecer em silêncio perante o sofrimento de tantas pes-

soas, vítimas indefesas destes conflitos. Aquilo que as fere, fere toda a humanidade”, declarou. “A morte e a dor provocadas por estas guerras são um escândalo para toda a família humana e um clamor diante de Deus! Reitero com veemência

o apelo para que perseveremos na oração, a fim de que cessem as hostilidades e sejam finalmente abertos caminhos de paz, baseados no diálogo sincero e no respeito pela dignidade de cada pessoa humana.” (FD)

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota **MÁXIMA no MEC**, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua **Graduação com 50% de desconto*** e tem acesso a cursos de **Pós-Graduação com condições e descontos especiais** e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto “Vamos Sonhar Juntos”

INSCREVA-SE JÁ!

Aulas das 19h às 21h50,
on-line ao vivo às sextas

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana

www.unifai.edu.br

WhatsApp

(11) 5087-0187